



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CAMPUS SEDE**

HELTON CEZÁRIO DOS SANTOS

**CABARÉ CHANTECLAIR (CHANTECLER):**  
**AS NOITES PERFUMADAS DE UM RECIFE DE OUTROS TEMPOS**  
**(1950 – 1960)**

Recife  
2021



**CABARÉ CHANTECLAIR (CHANTECLER):  
AS NOITES PERFUMADAS DE UM RECIFE DE OUTROS TEMPOS  
(1950 – 1960)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra Alcileide Cabral do Nascimento

Recife  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

H484c

Santos, Helton Cezário dos  
CABARÉ CHANTECLAIR (CHANTECLER): AS NOITES PERFUMADAS DE UM RECIFE DE OUTROS  
TEMPOS (1950 - 1960) / Helton Cezário dos Santos. - 2021.  
67 f.

Orientadora: Prof Dra Alcileide Cabral do Nascimento.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,  
Recife, 2021.

1. Memórias do Recife. 2. Edifício Chanteclair. 3. Cabaré Chantecler. 4. Prostituição. I. Nascimento, Prof Dra  
Alcileide Cabral do, orient. II. Título

CDD 909

---



**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**  
**TERMO DE APROVAÇÃO DE TCC**

Helton Cezário dos Santos

**CABARÉ CHANTECLAIR (CHANTECLER):**  
**AS NOITES PERFUMADAS DE UM RECIFE DE OUTROS TEMPOS (1950-1960)**

Trabalho de conclusão de curso aprovado com nota **9,5** como requisito para conclusão da disciplina de TCC II (Cód. 04803), pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alcileide Cabral do Nascimento – Dep. História, UFRPE      Nota: 9,5

Membro 1: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rozélia Bezerra – Dep. História, UFRPE      Nota: 9,5

Membro 2: Prof<sup>o</sup> Tércio Amaral – Doutorando. Dep. História UFPE      Nota: 9,5

Média das notas	9,5
-----------------	-----

Recife, 13 de julho de 2021.

*A todas as trabalhadoras  
que exercem uma das mais antigas  
das profissões, em especial a todas  
as que atuaram no velho Edifício  
Chanteclair...*

## AGRADECIMENTOS

A todos/as os/as docentes que compõem o Departamento de História da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, sobretudo os que pude ter o prazer de conviver ao longo do meu curso, em especial as professoras Rozélia Bezerra e Alcileide Cabral do Nascimento, minha orientadora, que mesmo meio a minha dificuldade e concluir a pesquisa, devido a inúmeras tempestuosidades pessoais, soube me compreender e sempre solícita, me auxiliar no decorrer deste projeto. Também aos amigos que fiz ao decorrer da discência e que muito me incentivaram para que fosse possível a conclusão desta pesquisa.

Também sou grato a secretária da Coordenação do Curso de História, Joyce que meio as minhas dificuldades em lhe dá com questões burocráticas relativas à documentação e prazo, sempre me atendeu de forma paciente e cortês. Agradeço a cineasta Mariângela Galvão cuja obra cinematográfica me ajudou de forma direta na composição deste trabalho, obra ao qual me fez adentrar ao íntimo do edifício Chanteclair, e compreender por através de suas paredes decadentes, o quão fora intensa as noites perfumadas de um Recife que nos propomos a compreender e estudar.

Agradeço a meus pais, que meio a minha dedicação (e às vezes a falta dela) sempre me deram força, sempre pacientes, faziam-me crer em minha capacidade, e que eu era capaz de concluir meus objetivos não importando o quão dificultoso fosse meu cotidiano no âmbito da composição, devido a tantas adversidades e problemas enfrentados.

Agradeço a todas as mulheres que fizeram parte de minha rotina, que se aproximaram de mim, me logrando suas amizades, afinal este é um trabalho que tem como enfoque o feminino e sem adentrar intimamente neste mundo, se faria impossível a composição desta pesquisa, ou se a concluísse seria algo quase que incompleto e sem vida, corpo sem espírito, seria como caminhar naquele Recife velho com suas pensões e casas de diversões noturnas sem sentir a sua intensidade, sem ter os olhos encadeados com suas luzes ou se sentir ludibriado com o doce dos perfumes e do álcool. Para finalizar, cumpro o ritual de agradecer a uma divindade, então que seja a Vênus a escolhida.

## ***O Bairro do Recife***

*Ali é que é o Recife  
mais propriamente chamado,  
com seu pecado diurno  
e o seu noturno pecado,  
mas tudo muito tranqüilo,  
sereno e equilibrado.  
No andar térreo, moram os  
bancos  
(capitais da Capital)  
no primeiro, a ex-austera  
Associação Comercial,  
no segundo, a sempre fútil  
Câmara Municipal  
e, no terceiro, afinal,  
está a alegre pensão  
da redonda Alzira, a viga  
mestra da prostituição.  
Mas como vivem tão bem,  
em tão segura união,  
qualquer dia, todos juntos,  
vão fundar a Associação  
dos Múltiplos Pecadores,  
com banqueiros,  
comerciantes,  
prostitutas, vereadores,  
ingleses do British Club,  
homens doentes e sãos,  
pois o camelô já disse  
que somos todos irmãos.  
Esse é o bairro do Recife  
que tem um cais debruçado  
nas verdes águas do  
Atlântico  
e ainda tem o cais do Apolo,  
apodrecido e romântico...*

***Carlos Pena Filho***<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> PENA FILHO, Carlos. **Livro Geral**. Recife: Editora da UFPE, 1969.

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a abordar, a partir de um determinado recorte temporal, as atividades noturnas que tiveram como palco o Edifício Chanteclair. Nosso propósito é trazer à tona um pedaço da história do Recife quase esquecido, dar vozes a anônimos, deixá-los falar, contar suas histórias, nos relatar suas memórias e, a partir destas lembranças, darem vida ao velho Edifício Chanteclair. Pretendemos explicitar o que havia por detrás daquelas janelas, deixar aflorar aos nossos dias, parte do cotidiano daquele que outrora era tido como um dos maiores e mais renomados redutos da prostituição do Bairro do Recife. Local de forte presença de anônimos e intelectuais que ali, embora de forma espontânea, se confraternizavam. Trazer o Edifício Chanteclair de volta à cena, esmiuçá-lo, reaver detalhes do funcionamento do então *Cabaré Chantecler*, local de luzes, de luxo, de elegância, imponente templo do glamour que pela sua beleza e majestosa aparência encantou até mesmo membros da realeza britânica que por aqui passaram. Uma história que encanta a uns, que as rememora com nostalgia, ao mesmo tempo em que entristece a outros, ou melhor, outras, que também as rememoram, mas com pesar, tristeza e até uma certa vergonha de certas coisas ali vividas e presenciadas. Para o bem ou para o mal, o Edifício Chanteclair, hoje prisioneiro de um processo de restauração inacabável, ainda mexe com quem trafega pela movimentada e turística Avenida Marquês de Olinda e adjacências, seja pela sua imponência e beleza, seja pela sua história. História esta que a nós inspirou esta escrita e gostosa pesquisa, cujo objetivo é justamente convidar o leitor a uma viagem ao passado das noites perfumadas de um Recife de outros tempos.

Palavras-chave: Memórias do Recife; Edifício Chanteclair; Cabaré Chantecler; Prostituição.



## ABSTRACT

The present work proposes to approach, from a certain time cut, the night activities that had as stage the Chanteclair building. Our purpose is to bring up a piece of Recife's almost forgotten history, give voices to anonymous people, let them speak, tell us their stories, tell us their memories and, from these memories, give life to the old Chanteclair building. We wanted to make explicit what was behind those windows, to let emerge to our days, part of the daily life of what was once considered one of the biggest and most renowned strongholds of prostitution in the Recife port area. It was a place of strong presence of anonymous and intellectuals who, although spontaneously, fraternized there. Bringing the Chanteclair building back to the scene, scrutinizing it, retrieving details of the functioning of the then cabaret Chantecler, a place of lights, luxury, elegance, imposing temple of glamour that for its beauty and majestic appearance enchanted even members of British royalty who passed through here. A story that enchants some, that remembers them with nostalgia, while saddening others, or better, others, that also remembers them, but with sorrow, sadness and even a certain shame of certain things lived and witnessed there. For better or for worse, the Chanteclair building, today a prisoner of an unfinished restoration process, still stirs those who travel through the busy and touristic Marquês de Olinda avenue and its surroundings, either for its magnificence and beauty, or for its history. This history has inspired us this writing and delicious research, whose objective is exactly to invite the reader to a trip to the past of the perfumed nights of a Recife of other times.

**Keywords:** Recife memories; Chanteclair building; Chantecler Cabaret; Prostitution.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. CAPÍTULO - A GEOGRAFIA DO PRAZER: POR DENTRO DO CHANTECLAIR.....</b>	<b>12</b>
1.1 Chanteclair: A dama da noite.....	12
1.2 Um lugar iluminado: O Recife dos anos de 1950.....	20
<b>2. CAPÍTULO - POR DETRÁS DAS CORTINAS DO PALÁCIO DOS DESEJOS.....</b>	<b>27</b>
2.1 As ‘Emparedadas da Rua da Amargura’: Nem santas nem pecadoras, simplesmente mulheres.....	27
2.2 “A casa dos amores e vícios: Um olhar feminino sobre o Chanteclair.....	46
<b>3. CAPÍTULO - RUÍNAS DA PROSTITUIÇÃO.....</b>	<b>49</b>
3.1 O amor está nas ruas.....	49
3.2 O doce e amargo adeus de um Recife boêmio.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar a história do lendário Edifício Chanteclair num recorte cronológico entre 1950 a 1960, período em que o edifício se consolidou como sendo um dos principais espaços de divertimento noturno do Bairro do Recife, e por que não, da própria cidade do Recife. O interesse por esta pesquisa nasce justamente movido pela importância de sua existência, sendo o mesmo um monumento importante, que documenta e que é parte do cotidiano urbanístico da cidade do Recife, não apenas pela sua imponência; como também pela sua História, presente na memória dos antigos frequentadores deste Recife de outrora. Um Recife de luzes, vivo e movimentado pelo seu porto. Um Recife que abandonou, no início do século XX, suas características coloniais portuguesas e se afrancesou, influenciado pelos costumes propagados pela La Belle Époque.

Nesta pesquisa, utilizando-se de uma metodologia baseada em fontes primárias como periódicos e depoimentos, além vasta literatura, sobretudo de autoria de memorialistas locais, também tivemos como fonte fundamental para sua composição, fontes filmicas tais quais alguns filmes históricos e documentários sendo ambos os gêneros pesquisados de grande importância na composição deste trabalho.

“...enquanto o ‘filme histórico’ narra criativamente um evento ou processo histórico, tomando-o para enredo, o ‘documentário historiográfico’ analisa os acontecimentos à maneira dos historiadores, comparando depoimentos e fontes, sobrepondo imagens da época, analisando situações através da lógica historiográfica e do raciocínio hipotético-dedutivo, e encaminhando uma série de operações que são algo similares àquelas das quais os historiadores lançam mão ao examinar um processo histórico em obra historiográfica em forma de livro. Assim, o fio condutor do ‘documentário historiográfico’ é essencialmente a análise de eventos e processos históricos, e não a mera narração destes processos mediada pelo mesmo tipo de estetização que aparece nos filmes ficcionais. (BARROS, José D’Assunção, 2014, pag.19).

Procuraremos detalhar algumas minúcias relativas ao uso deste espaço, assim como abordar detalhes de seu funcionamento, como uma casa de tolerância onde se vivenciava práticas ligadas à prostituição. O velho prédio, hoje em processo de restauração, deverá, por meio desta pesquisa, ser trazido à vida, ser recortado de seu passado já quase esquecido, acordado de seu sono temporal. Ele, o imponente Edifício Chanteclair, majestoso e cheio de faustos e luxo, embelezado por uma imponente fachada ornamentada em elegante traçado. Ao trabalhar a história do Edifício Chanteclair, nos deparamos com alguns fatos presentes na

memória não só de suas antigas habitantes, como seus modos, seus costumes, suas práticas; como também daqueles que freqüentavam estas noites boêmias, de luxo, elegância e glamour, as noites perfumadas que tinham como cenário este Bairro do Recife que ainda hoje nos encanta. Mas por que, e qual a importância de se trabalhar a memória do Edifício Chanteclair e seu *Cabaré Chantecler*?

É o que buscaremos responder ao longo desta pesquisa. Baseando-nos em conceitos presentes na literatura de Jacques Le Goff, procuraremos analisar a importância da preservação da memória de um povo, tendo como plano principal o Edifício Chanteclair, monumento importante deste Recife de velhas histórias, cujo uso como cenário para atividades noturnas fora memorialisticamente retratado em escritos e relatos de intelectuais, como Mário Sette, Rostand Paraíso, Carlos Bezerra Cavalcanti e em algumas outras obras devidamente consultadas. “Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. (LE GOFF, 1990)

A palavra latina monumentum remete à raiz indo-europeia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. (LE GOFF, 1990).

É no âmbito de responder a pergunta “por que trabalhar o Chanteclair?” que levaremos adiante no decorrer desta pesquisa dividida em três capítulos, cuja finalidade é o reconstruir a história e memória deste edifício, este que é um dos mais importantes marco e um dos mais célebres expoentes da arquitetura eclética de nossa cidade, uma jóia remanescente de um outro Recife, cuja memória ainda insiste em permanecer viva a partir de seus traços arquitetônicos, no traçado de suas ruas, em seus monumentos que parecem imortalizados ao longo do tempo. Uma cidade viva, composta de variada mistura efervescente de povos que aqui estiveram em diferenciados períodos, e que aqui deixaram suas marcas. Uma cidade que mescla simbolismos do seu passado com sua contemporaneidade, sempre em transição. Uma cidade que não para, que se modifica ao sabor do tempo, que vai se transformando, no entanto dotada com traços e características que rememoram a sua História.

Ao longo do primeiro capítulo o leitor irá se deparar com o surgimento do Edifício Chanteclair meio a um Recife que abandonava suas características urbanísticas remanescentes do período colonial e imperial, considerado por muitos como símbolo de um

atraso cultural. Um Recife que agora abraçava novos e elegantes hábitos, dentre os quais as diversões noturnas em estabelecimentos de luxo, como os cafés-concerto, cafés-cantantes e cabarés e pensões alegres. Já no segundo capítulo, o leitor poderá experimentar adentrar entre as paredes do Chanteclair, conhecer a intimidade das mulheres e homens que ao Edifício tiveram suas vidas relacionadas. Por fim, no último capítulo desta pesquisa, o luxuoso Chanteclair, símbolo de uma época de fausto e elegância, onde a prostituição no Bairro do Recife vivenciou seu apogeu, se apresentará em ruínas, não apenas em sua estrutura física, mas em suas práticas noturnas que o fizeram tão afamado.

Dada à tamanha importância deste majestoso edifício, finalizaremos propondo os seguintes questionamentos: será que ao compreender sua existência na história, não se culmina também por compreender uma parte importante da história do Recife e do próprio estado de Pernambuco? Será que o Chanteclair não está intimamente relacionado com a transformação urbana, histórica e cultural de nosso povo, sendo parte integrante de suas memórias? É a estes questionamentos que nos propusemos a responder nesta pesquisa, tendo como base depoimentos e escritos, de fatos que relatam minúcias do cotidiano destas pessoas, cuja história está intimamente relacionada tanto ao edifício Chanteclair, quanto ao próprio *cabaré Chantecler*.

## CAPÍTULO I

### A Geografia do Prazer: Por dentro do Chanteclair

#### 1.1 Chanteclair: A Dama da noite

Nas linhas que se seguem, adentramos na intimidade dos prazeres noturnos recifenses. Não é uma pesquisa feita para tratar simplesmente de certa abordagem vitimista atribuída à mulher prostituta, à poética ou pejorativamente “dama da noite” como a elas se referia o poeta pernambucano Ascenso Ferreira. Mulheres classificadas em tantos outros trabalhos como uma ‘vítima’ da sociedade, tendo sua existência esmiuçada e conceitos sociológicos a sua pessoa aplicados. Não. Esta pesquisa que trabalhamos tem como objetivo e finalidade trazer de volta à cena o velho e esquecido Edifício Chanteclair, que ao longo do século XX, tornou-se local onde mulheres exerciam esta que é tida como uma das profissões mais antigas da humanidade, Edifício cuja construção remonta aos primeiros anos do século XX, tendo sua obra iniciada no ano de 1913, na gestão do prefeito Arquimedes de Oliveira (1908-1911), e dada continuidade lá pelos anos da gestão do prefeito Eudoro Correia (1911-1915) e estendendo-se em gestões posteriores. Nestas gestões, o velho Recife de arquitetura colonial e imperial, tivera sua identidade posta abaixo junto com seus velhos e alguns já quase arruinados casarões, para dar lugar a suntuosos prédios de estilos ecléticos, ricamente adornados à elegante moda francesa, agora em vigor. Era o início de *La Belle Époque* recifense. “Naquela época, o Recife se transformava à custa da destruição de vários edifícios coloniais” (CANTARELLI, 2014, pag. 18).

Numa edição de sexta-feira, dois de agosto de 1946, uma breve nota na página de fatos diversos do Jornal *Diário de Pernambuco* noticiava um crime ocorrido numa pensão de luxo localizada na Rua Mariz e Barros, área portuária do Recife. Segundo o jornal, a mundana de nome Maria das Neves Cabral fora recolhida numa ambulância da Assistência Pública, dando entrada em estado de choque na sala de curativos de um indeterminado Pronto Socorro. Maria apresentava um grave quadro, fraturas expostas no maxilar inferior e braço direito, além de outras gravíssimas escoriações, sendo ela atendida com urgência.

Maria havia sido empurrada do alto do 1º andar de uma afamada casa de meretrício, dita pensão alegre, localizada num prédio de nº 211, na já citada Rua Mariz e Barros. Segundo a publicação jornalística, o motivo do ocorrido seria uma discussão de Maria das Neves com uma outra companheira de meretrício de nome Maria da Conceição, querela que

teria como motivo ciúmes. O jornal ainda afirma que da discussão à luta, teria se passado poucos instantes e que, estando ambas perto da janela, e sendo Maria da Conceição mais ágil, no auge da cólera, havia conseguido suspender Maria das Neves e lançá-la do edifício. Ainda de acordo com a nota, a queda de Maria das Neves teria sido violenta, deixando a todos horrorizados diante da cena. A agressora Maria da Conceição fora detida em flagrante delito. Este mesmo jornal, em matéria publicada em nove de abril de 1961, reportava um caso de agressão sofrido por um guarda civil de nome Juvenal Gomes da Silva. De acordo com a matéria, o mesmo havia levado uma “*bruta sova*” ao tentar prender no interior do cabaré Chantecler um escocês de nome Robert Gray que, embriagado, promovia desordens.

Isto era um dos constantes fatos que faziam com que aquela localidade do Recife fosse notícia recorrente, sobretudo nas páginas policiais de periódicos jornalísticos locais. A zona portuária recifense, que durante as grandes guerras havia desfrutado do requinte e elegância, era local de encontro entre os expoentes da “boa sociedade” e carregado de resquício dos costumes patriarcais, que ali freqüentavam embebedados pelos novos costumes em ascensão, costumes burgueses, alavancados pela ascensão da industrialização tardia no estado, mas que fazia com que as velhas práticas econômicas de cunho agrícola movimentada pelos engenhos fossem sendo agora de forma rápida, absorvida pelas usinas. Na cidade e em seus arredores e municípios vizinhos, o desenvolvimento fabril era motivo de crescimento econômico e financeiro. Novos ricos, comerciantes em ascensão, desbancavam a velha nobreza açucareira e impunham seus costumes importados, sobretudo da França e Inglaterra.

Na arquitetura víamos agora um espaço urbano que se transformava rapidamente. O velho Recife colonial, com seus becos e ruelas, assistia ir abaixo seus sobrados magros de dois, três, e quatro pavimentos, construções de grossas paredes e janelas guilhotinas arqueadas de arenito, ou em folhas de pinázios em formato de rótulas ou gelósias. Nos últimos anos do século XIX e sobretudo nas duas primeiras décadas de XX, o Recife se travestia à francesa. A partir do ano de 1913, uma grande reforma demoliu quase que todo o bairro do Recife, sobretudo nos arredores do porto. Casarões coloniais ou neoclássicos imperiais desapareciam sob as picaretas.

Em 1924, o Bairro do Recife era bem diferente, que viu sair os holandese (1654), da edificação do pelourinho (1710), da visita de dom Pedro II (1859) e do tempo dos arcos da Conceição e de Santo Antônio, demolidos, respectivamente, em 1913 e 1917. Modernizara-se, junto com seu porto. (CAVALCANTI, 2016, pag 25).

Um novo Recife abria passagem, contaminado pelas idéias da *La Belle Époque*, em parte, e por consequência de vícios higienistas. Afinal há muito que a velha aristocracia açucareira migrada para a cidade, devido à decadência dos engenhos, deixara aquele perímetro e agora remigrava para os arrabaldes, a morar em belas construções ecléticas afastadas do centro, quase versões carnavalizadas dos velhos engenhos de outrora, verdadeiras réplicas macaqueadas das casas grandes, contando com quase toda a estrutura dos feudos rurais que no passado dominavam as paisagens pernambucanas, por que não dizer do Norte do Brasil.

Assim sendo, o lugar das “boas famílias” passou-se a ali abrigar a reles *gente miúda*, alguns burgueses em ascensão, ou mesmo elementos aristocráticos endividados cada vez mais graças aos novos costumes ou pelo açúcar, que já não dava tanto rendimento. Exponentes de nome, passaram abandonar velhos sobrados, alugando suas fracionadas dependências a baixo custo, atraindo famílias pobres que fugiam dos campos, dos arrabaldes, e mesmo por ex escravos que deixavam as lavouras e rumavam em hordas para a cidade grande na busca por oportunidades na capital, onde atuavam como estivadores, sobretudo naquela área portuária, outros como tanoeiros, ferreiros, sapateiros, enfim, atividades manuais, surgira então os infectos cortiços. Já as mulheres, algumas ou por necessidade ou pela busca de independência, passavam a vender seus serviços sexuais, oferecidos a quem lhes pagasse por eles. E, assim, nos arredores da antiga e florescente zona do cais do porto passou-se a habitar estas figuras “indesejáveis”, alojadas em desde velhos sobrados arruinados a luxuosos lupanares, sempre festivos e iluminados.

Uma ralé que morava, trabalhava, dormia e amava no local que, além de servir como senha para entrada no circuito da modernidade, também deveria ser a porta de entrada ao visitante dessa cidade. Há uma história dos vencidos não contada sobre o Antigo, pois até agora o máximo que se tem feito é o registro histórico do legado arquitetônico atual – também o que foi demolido virou esquecimento. (PINTO, Luiz Carlos. Recife, 2015).

A presença mais numerosa de figuras qualificadas como “indesejáveis”, associadas ao crescimento da prostituição e do crime, levava a que se acentuasse a preocupação com o controle das formas de entretenimento (RAGO, 2008. p 130). Nesta análise, a autora referindo-se aos anos iniciais do século XX, nos demonstra o interesse por parte de alguns setores das autoridades públicas a respeito dos locais onde se estabeleciam os prostíbulos e as casas de tolerâncias, algo que Rago classifica como uma territorialidade do prazer, a priori, formando-se sem qualquer interferência dos poderes públicos. No Recife, a região portuária



antes habitada por famílias distintas tornou-se, devido ao avanço das atividades comerciais movimentada pela indústria e comércio em ascensão mesmo que de forma tardia, e tornava-se cada vez mais um local de negócio, lugar onde as luzes jamais se apagavam. Em sua estética urbana, a cidade começava a transformar-se.

Essa reforma foi imposta sob a égide do discurso da modernização e salubridade ao destacar a importância de erradicar as habitações que possuíam grande número de moradores, com poucos cuidados com a higiene e um precário cuidado com os dejetos. Eram considerados locais de disseminação de doenças tais como: desintéria, varíola e gripe, além da proliferação da sífilis nos prostíbulos. Nessas moradias se encontravam grande parte de mascates, artesãos, marinheiros e prostitutas, “em seu lugar, o Bairro do Recife passou a abrigar bancos, empresas de importação e exportação, associações. (PINTO, Luiz Carlos. Recife, 2015).

Ruas que fervilhavam o tempo todo, movimentos dos automóveis de passeios, bondes e carros de praça. Todas as cores e sabores do mercado informal, ambiente tomado por vozes, estardalhaços em anúncios dos mais diversos. Em suas andanças pelas ruas centrais do Recife, o viajante alemão Calr Bruer, em visita a cidade no ano de 1931, fizera em seu diário pessoal o seguinte relato:

Desde hoje de manhã, às 5 horas, os bondes e automóveis circulam, causando barulho”. Às 5:30 o sol desponta e 10 minutos mais tarde já é dia pleno. Sirenes disparam por 5 minutos, os automóveis buzina em todo os volumes, barulheira como só os bombeiros fazem em nosso país, mas trata-se, de fato, de uma ambulância. Vendedores de jornais fazem seu pregão, incansáveis. Ouço sempre um apito prolongado: pfuiiiiiiiiiiii. Vendedores de rua, que carregam suas mercadorias na cabeça, muita gente, a maioria da cor do cobre e muitos sem sapato – tudo isso vejo da minha janela. Em frente, as palmeiras altas superam até mesmo as casas de dois andares e meio. Pássaros grandes, negros, abutres circundam pelos ares. O sol impiedoso no céu azul me faz suar. (BRUER, 2017 p 20).

Neste cenário um tanto que caótico, mas sem deixar de ser pitoresco, pululavam os tipos mais exóticos meio aos sobrados espremidos, ruelas estreitas e insalubres. Nas sacadas de alguns prédios, elas, criaturas esguias a oferecer-se nas janelas, sem palavras, mas a mostrar as formas sexualizadas de seus corpos semi-nus, afinal, os meios de controles expressados pela autoridade pública as impedia do *marketing* explícito dos serviços sexuais a serem oferecidos. A mulher tinha seu corpo controlado. Eram tidas como ameaça sexual, o que justifica a irritação ou mesmo o espanto com que eram vistas as prostitutas, ao abordarem diretamente os homens, que dentro dos ideais presentes nos escritos de Krafft-Ebing, renomado médico austríaco, eram estas (a mulher) a parte “frágil” de uma relação deste nível.

Dentro destas idéias o macho procurava à fêmea e não o oposto. Neste período, Lombroso era categórico ao afirmar convictamente que “esta maior frigidez e passividade da mulher no coito é comum, aliás, a todas as fêmeas do mundo zoológico” (LOMBROSO, 1896 apud RAGO 2008, p 144).

O velho e lusitano Recife, com seus casarios de sobrados magros, já não era mais tido como lugar habitável pelas boas famílias pernambucanas, que se retiravam aos arrabaldes. O Recife insalubre agora se abria a novos hábitos. Já não havia espaço para as mulheres de rótula, tampouco as “rameiras” que, burlando as leis, abordavam a clientela seja nas janelas de sobrados insalubres transformados em cortiços, ou nas escuras vielas dos arredores portuários.

O alvorecer do século XX abria novos ares, espaço para outra mentalidade e, com isso, a ascensão de anseios europeizados. Este padrão de uma nova burguesia que aflorava meio a sociedade onde, até então, perpetuava-se valores provincianos provenientes do patriarcado que, neste cenário, parecia ter fincado profundas raízes, sobretudo na maneira de pensar, de agir, de se comunicar, e até mesmo no indecoroso ato negociar valores a um ato sexual pago, a uma “perdida” seja ela, uma mulher negra ou mesmo uma branca pobre, ou até uma dama de luxo em seus sobrados iluminados cheirando a perfumaria francesa, absinto e cigarro.

O aburguesamento da vida local e a necessidade de demonstrar a sintonia da cidade com as tendências paraindustriais tayloristas dos grandes centros mundiais fizeram tombar, no início do século XX, parte do patrimônio urbano colonial e imperial do Recife. Antes disso, ainda em meados do século XIX, a cidade já passara por uma mudança urbana significativa, mas seu núcleo inicial permanecera razoavelmente conservado. (CAVALCANTI, CUNHA. Recife, 2006. Pag. 84)

Rodrigo Cantarelli nos explicita em uma de suas obras que a abolição da escravatura, a Proclamação da República, o início do processo de industrialização, juntamente a outros fatores, foram elementos determinantes nas transformações urbanas que ocorreram a partir do início do século passado. Cantarelli afirma que Recife despontava como capital financeira da região, um polo irradiador de novos valores cosmopolitas e civilizadores nos estados vizinhos, e assim sendo, seguia de perto as tendências e modismos europeus também adotados na Capital Federal. A trajetória desta cidade, sobretudo do hoje conhecido Bairro do Recife estava intimamente ligada ao crescimento do porto, embora algumas outras atividades econômicas já despontassem como promissoras. Novos hábitos se disseminarão entre a sociedade. Além das melhorias estruturais e urbanísticas, Recife abria suas portas ao mundo.

Uma grande quantidade de estrangeiros agora trafega pelas ruas de uma cidade em transformação, trazendo com eles novas idéias e costumes, que hão de casar-se e bem, à formação intelectual dos filhos da aristocracia, que provenientes da Europa, sobretudo da França e Inglaterra, também teriam importante papel nas novas idéias que ganhavam a cidade. Surgia assim um novo conceito de modernidade, contrapondo-se a tudo que era visto como velho e atrasado, ganhava força entre as autoridades a transformação de uma cidade arcaica numa capital nova, cosmopolita. Eram os ideais de uma burguesia ascendente que se contrapunha à oligarquia rural já em estado de decadência. Idéias que não eram assim tão novas, pois desde a época da gestão de Francisco Rego Barros que esta visão de um Recife novo, já despontava como um cerne embrionário.

De acordo com o pesquisador Rodrigo Cantarelli, podemos afirmar que os primeiros anos do século XX, foram primordiais nestas transformações<sup>2</sup>. A área central da cidade passaria por processos de limpeza e urbanização. Rapidamente desapareciam beirais e biqueiras dos velhos casarios coloniais. Gelósias e muxarabis davam lugar às esquadrias de madeira e vidro, com suas grades e balcões de ferro a moda dos ingleses. Para Cantarelli fora inicialmente um processo lento, que se arrastara por toda a segunda metade do XIX, mas que a nosso ver, ganharia velocidade dos automóveis, sobretudo nas duas primeiras décadas de XX. Nos navios que traziam banqueiros, jornalistas, pesquisadores estrangeiros, e os filhos das oligarquias, mandados estudar em refinadas instituições européias também chagavam as “mulheres damas”, algumas, é certo, fugidas das constantes guerras que assolavam a Europa, outras atraídas pela economia local em ascensão, e pelo dinheiro e influência da nova burguesia.

O Recife não é um lugar, é um tempo. Melhor ainda, é a somação dos seus vários tempos. Um dos seus grandes tempos – a sua belle époque – foi o dos meado do século passado, quando o Recife era um cidade alegre, rica de grandes boêmios, de freqüentadores das pensões alegres da zona do meretrício, médicos, juristas que, naquelas casas, rodeados de raparigas, ficavam as vezes platonicamente a tocar violão e recitar poesias. (PARAÍSO, 2007, pag 24).

---

<sup>2</sup> Rodrigo Cantarelli em sua obra *Contra a Conspiração da Ignorância com a Maldade: Inspeção de Monumentos de Pernambuco* nos relata as transformações sociais e urbanas ocorridas na cidade do Recife, sobretudo na região central. CANTARELLI, Rodrigo. *Contra a Conspiração da Ignorância com a Maldade: Inspeção de Monumentos de Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2016.

O insalubre Recife agora se “higienizava-se”. Um projeto que estava dentro de um espírito modernizador, o Higienismo, presente nas novas políticas sanitárias. Neste “Novo Recife” já não havia mais espaço para as velhas casas de sobrados coloniais erigidas pelos gamelas nos tempos da colônia, mesmo os casarões neoclássicos agora sucumbiam sob as picaretas para dá lugar ao ecletismo, a nova e moderna forma de se construir. “As transformações causadas no bairro portuário não se limitaram à recomposição de fachada ou à construção de alguns edifícios: a intervenção no traçado urbano levou à demolição de quase todo o bairro.” (CANTARELLI, 2014, p. 55). O Recife colonial desaparecia, sob a euforia das novas elites que o dirigiam, e que via estes traços, sobretudo presentes na antiga arquitetura como um símbolo do atraso, da imundície, da insalubridade. O próprio Rosa e Silva não fazia questão em esconder o desprezo que ele próprio tinha da região por achá-la ‘pouco civilizada’<sup>3</sup>. Rosa Silva era expoente da oligarquia açucareira pernambucana que por muito tempo controlou o estado, fiscalizando e influenciando em suas atividades administrativas, escolhendo por nomeação candidatos a governador de Pernambuco, ao congresso, e mesmo sendo declarado como representante dos estados do Norte ante ao Governo Federal. Naquele período de final do XIX e início de XX, cinco governadores de Pernambuco entre os anos de 1890 a 1911, eram provenientes desta elite açucareira, sendo o último deles, Herculano Bandeira, o responsável por iniciar as obras que transformaria para sempre o traçado do Recife, apagando seus resquícios aporuguesados e o iniciando na nova era. Surgia assim meio ao regionalismo local a La Belle Époque mesclada a hábitos regionais, num Recife que se afrancesa em seus costumes, e fora meio a estas intensas transformações da qual aderiu à cidade, que surgiria um dos mais graciosos ícones da arquitetura eclética no Norte do Brasil, o lendário edifício hoje denominado Chanteclair, devido a uma afamada casa noturna que nele funcionou, mas que nem sempre fora ele assim chamado.

Durante os último decênio da primeira metade do século XX, os antigos moradores deixariam o prédio, fazendo com este passasse a ser ocupado por “*moças de vida airada*”, ou seja, as prostitutas, algumas inclusive provenientes de países europeus como Polônia e França, estas últimas as mais procuradas e as mais caras, afinal, eram sinônimo de

---

<sup>3</sup> No primeiro capítulo de sua obra publicada em 2016, o Arquiteto Rodrigo Cantarelli, que é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco nos sugere o quanto o influente Rosa e Silva desprezava a então região Norte, atual Nordeste por julgá-lo atrasado, ao ponto de sempre que ter que mediar questões na política local, o fazer sempre a distância, seja a partir do Rio de Janeiro, a então Capital Federal, ou a bordo de um navio ancorado no Porto do Recife. CANTARELLI, Rodrigo. *Contra a Conspiração da Ignorância com a Maldade: Inspeção de Monumentos de Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2016. Pag.55

sofisticação. Todos os olhares da provinciana cidade agora se voltavam para as extravagantes “*senhoritas*” a trajarem roupas coloridas e adornos elegantes, algumas recém-chegadas de Paris, costumavam desfilarem pela cidade a exibirem-se em luxo e beleza, a elas sorriam os “coronéis”, os decadentes de senhores de engenho, que mesmo endividados e a beira do colapso financeiro não abriam mão aos desejos, e de exporem-se em prática de um exibicionismo ostentador tendo como companhia uma das “*mademoiselles*”, envoltas em seus panos cetins e apertadas de corselete, a exibirem voluptuosamente seus seios enxutos e firmes como que a coroar os bustos jovens e atraentes de suas donas, enfeitadas por jóias caras ou bijuterias. Deles arrancavam até mesmo o que não mais possuíam. A estas companhias femininas “alegres” também flertavam milionários usineiros e outros ricos, expoentes da classe política e comercial que agora esbanjavam os frutos provenientes dos investimentos do capital britânico, abrindo espaço as casas comerciais e influentes companhias de importação também alemãs. Era um Recife financeiramente estável, que se deslumbrava com os belos rostos e com os novos hábitos, sobretudo aqueles postos em prática ao cair da noite.

O Chanteclair inicialmente despontou na noite recifense, não como um cabaré em seus primeiros anos como cenário para as finalidades do prazer, literalmente utilizando-se deste termo, mas como uma das muitas pensões alegres que ocupavam agora uma área geográfica antes habitada pelas “boas famílias”, preenchendo a morbidade, resquício dos costumes do patriarcado dando uma nova vida para aquela zona do cais do porto. Para compreender o que foi estes primeiros anos de utilização do Chanteclair em hábitos ligados aos prazeres da noite, é preciso compreender o significado real do termo cabaré. Na França, a palavra “cabaré” refere-se inicialmente a toda casa comercial que servia bebidas alcoólicas. Posteriormente o termo passou a denominar espaços pequenos, relacionados ao submundo de variados polos urbanos, sobretudo as grandes cidades européias. Eram locais dedicados a shows de danças, atrações teatrais, recitações de poesias, os nostálgicos saraus literários tão amados pela estudantada. Meio frequentado pelos boêmios e vadios, como se é possível observar num clássico literário, a novela de autoria do escritor, poeta e dramaturgo francês Jean Genet, intitulado ‘*Querelle de Brest*’ escrito em 1945 e publicado em 1947, na qual ele retrata a trajetória de Geoges Querelle, um marinheiro ladrão, que no âmbito de sua bissexualidade exerce a função de “*michê*” e vive a aplicar golpes em seus clientes, que em algumas ocasiões explicitadas na obra, os manipula e os mata embevecido pelas emoções doentias e lucro. Nesta obra podemos ter uma noção a partir da vivência do jovem Querelle em ambientes como estes que reproduz finalmente a roda de emoções vivenciadas nestes espaços denominados de Cabarés, o que a nosso ver, inicialmente não poderia ser aplicado ao

Chanteclair, não em seu alvorecer como um espaço de práticas noturnas relativas ao lenocínio.

## 1.2 Um lugar iluminado: O Recife dos anos de 1950

Com o tempo, o Edifício Chanteclair ganharia novas formas de uso. As pensões alegres de moças dariam espaço por volta dos anos de 1950 a o que podemos denominar como templo institucionalizado do prazer. Neste período sim, poderíamos classificar o mesmo como a despontar num alvorecer tardio das velhas épocas dos cabarés ao mais fiel estilo do *Le Chat Noir* (*O Gato Preto*), casa de tolerância citada num conto de Edgar Allan Poe “O gato preto” escrito em 1881. O Edifício Chanteclair a partir da inauguração da “*boîte Chantecler*”, escrita a portuguesa do termo francês “Chant Clair” que transcrito ao nosso idioma tem a significação de “Canto Claro” ou “Local Iluminado”. Num momento em que já não eram comuns estes hábitos elegantes de afrancesamento presentes há umas três décadas atrás, a noite recifense tentava reviver o áureo e “*englamurado*” período da La Belle Époque. Neste período surgiria uma das mais afamadas casas de tolerância que se ouviu falar na cidade. “Se as paredes e as escadas desse prédio falassem, tinham muita história para contar, aqui funcionavam altares de depravação sexual”, afirmou Fernando Ribeiro, proprietário do antigo Bar Gambrinus, nesta já citada matéria do Jornal do Commercio veiculada virtualmente em maio de 1998<sup>4</sup>. O Gambrinus foi um restaurante fundado em 1930, e que passou a ocupar um dos compartimentos térreo do Edifício Chanteclair a partir de 1960. Nesta mesma época a boate Black Tie instalou-se no mesmo conjunto, na outra extremidade do prédio, de frente para a Rua Madre de Deus, onde ficou até 1975. Os outros compartimentos eram pensões (Rex, Night and Day, de Dona Mariazinha) para as prostitutas.

Poucos anos depois, a partir dos anos 70, a zona portuária entrara em decadência, alguns estabelecimentos como o Cabaré Moulin Rouge, localizado em outro belo edifício eclético na Avenida Marquês de Olinda defronte ao Chanteclair simplesmente desapareceram, tendo o velho prédio demolido para dá lugar a um outro edifício de arquitetura futurista. Outros estabelecimentos renomados abandonaram o glamoroso “culto ao luxo” e passaram a funcionar de forma decadente, oferecendo em suas dependências o sexo barato, as drogas sintéticas, virando verdadeiros antros de vadios e meretrizes, traficantes e gigolôs exploradores do lenocínio. A presença dos “gigolôs” ou rufiões desde muitos anos estava

---

<sup>4</sup> Conjunto, formado por 7 imóveis, foi construído no início do século. Jornal do Commercio, Recife, 31 de maio de 1998.

intimamente relacionada à ‘zona’, e nela, juntamente a figura da cafetina protagonizavam o espetáculo do prazer por dinheiro desde o alvorecer dos bordéis, um tipo de prostituição reclusa às casas de tolerância. Eram estes homens na maioria das vezes de índoles duvidosas, temidos e amados pelas suas amásias que vendiam seus serviços a um público misto, dentre todas as nacionalidades, em prol de suprir a necessidade do amante, valendo salientar a forte presença por aqui, dos garbosos e belos recrutas da IV Esquadra dos Estados Unidos que no Recife instalara uma de suas bases <sup>5</sup>.

O Recife se enchia de marinheiros ingleses, de fuzileiros americanos, de marujos canadenses e neo-zelandeses e de soldados de várias nacionalidades. (PARAÍSO, 2003, p. 220).

O Bairro do Recife emergia no despontar do novo século, como um ambiente voltado aos vícios, aos novos costumes burgueses que cintilavam ao cair da noite. Uma cidade iluminada pelas luzes artificiais da The Pernambuco Tramways & Power Company Limited, companhia britânica que também era responsável pela operação das chamadas ‘*maxambombas*’ corruptela da expressão em língua inglesa *machinepump*, um pequeno trem urbano que ligava o Recife a seus arrabaldes e também a vizinha Olinda. Mas, era esta parte da cidade também iluminada pelo brilho das *toilettes* inspiradas nas mais atuais coleções de modistas francesas. Um Recife que atraía homens jovens e maduros, e também as “*moças modernas*” com o agradável encanto da boa música. Os estabelecimentos noturnos como os “*nightclub*”, os cafés-concertos, as “pensões alegres” e os inúmeros cabarés dos mais refinados aos mais simples embriagavam as noites, era ali que muitos dos “*coronéis*”, intelectuais, artistas, advogados e os mais variados boêmios punham em prática as novas e modernas práticas de sociabilidade difundida pela nova burguesia de hábitos estrangeiros. Estas casas buscavam aprimorar sua estrutura com tudo que havia de mais moderno tecnologicamente. Neste Recife antigo, afamados estabelecimentos de vícios, ganhavam destaque entre os boêmios que ali costumavam freqüentar, como se pode observar nos escritos

---

<sup>5</sup> Armando Augusto Siqueira, em artigo publicado na Revista Navigator nos informa que, a partir de 1941, Recife torna-se sede de um complexo número de instalações militares e de apoio, transformando-se em uma importante base naval da U.S. Navy, que foi instalada pelos norte-americanos devido à localização geográfica e estratégica da cidade para a defesa do Atlântico e também pela importância de seu porto. Nesse período, houve um fluxo intenso de militares que estavam em operações navais da Quarta Esquadra estadunidense no contexto da Batalha do Atlântico. SIQUEIRA, Armando Augusto. O U.S.O. Club chega ao Recife: aspectos da presença norte-americana no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 16, no 32, p. 102-118 – 2020. Pag. 1.

do memorialista Rostand Paraíso, ao retratar este Recife perfumado com suas “*coquettes*” e “*mademoiselle*” às avessas.

Outras mimis, a maioria sem decantada erudição de Mimi original “(Madame Mimi, foi segundo Rostand, uma prostituta francesa, proprietária de uma das pensões alegres localizada na antiga Rua das Flores, que neste meio era tida como uma pessoa culta)”. Viriam, com o passar do tempo, substitua-la. Entre as mais famosas “damas da noite” - como as chamava Ascenso Ferreira - do Recife dos anos 50, pontificavam Alzira, Maria Magra, Edite, Djanira, Chiquinha e Maria Júlia, que dominaram, durante vários anos, as noites recifenses, atraindo, para suas pensões, uma vasta e variada clientela. Havia, é verdade, os que iam à “zona” apenas para tomar sua cervejinha e curtir os bares e boates da Rio Branco, da Marquês de Olinda, da Bom Jesus, da Vigário Tenório, e das ruas circunvizinhas: Chanteclair, Moulin Rouge, Gambrinus, Cassino Imperial, Texas Bar, Silver Bar, Bar OK, Bar 50, e tantos outros que, com seus ambientes de pouca luz, suas radiolas de fichas e suas músicas dor-de-cotovelo, marcaram fortemente aqueles anos do após-guerra. (PARAÍSO, 2001, p. 139. grifo nosso).

Parafrazeando os escritos de Rostand, percebemos o retrato de um Recife da década de cinquenta, uma cidade tomada ainda pelos hábitos adquiridos nos anos da grande-guerra, e a forte e massiva passagem de estrangeiros que aqui chegavam, sejam estes integrantes do V exército dos Estados Unidos que por aqui, instalaram base apoio, ou mesmo marinheiros de navios de outras nacionalidades. Um Recife ainda embevecido por seus hábitos e costumes de décadas anteriores obtidos pela efervescência da *La Belle Époque* que por aqui havia deixado saudosas marcas. Recife de Mimi’s e mademoiselle, que agora davam lugar as *Alziras*, *Marias Magras*, *Edites*, *Djaniras*, *Chiquinhas* e *Marias Júlias*, não mais as elegantes francesas e polacas, mas agora mulheres daqui mesmo, das cidades interioranas.

Neste cenário insistia o Chanteclair em manter-se como há poucas décadas atrás como um “lugar iluminado”, refinado e requintado, um ambiente palaciano de costumes não tão apreciáveis pelos pregadores da moralidade cristã, que apesar da “aceitação” da prostituição e sua práticas como uma espécie de “mal necessário”, à zona se voltava contrariamente sempre que podia esta supraestrutura excludente sob as acusações de ser ali espaço de propagação de doenças. Ensaio higienista que muito se difundiram há décadas passadas subiam novamente nos palcos no intuito a perseguir a figura da mulher da vida, tida por desvairada, pervertida, de pudores tidos como inaceitáveis. Eram baseados em alguns consensos de Krafft-Ebing e Cesare Lombroso, que autoridades higienistas inquestionáveis por décadas, estas mulheres de hábitos noturnos, associadas à noção de doenças e ao perigo da morte. Figuram biologicamente ligadas as noções de criminalidade, fazendo com que ambientes como o



Chanteclair ocupassem constantemente as páginas policiais locais como um cenário propício às práticas criminosas do vício, das algazarras desprezíveis, e mesmo de assassinatos causados por passionalidade.

As meretrizes como são chamadas, atiram-se facilmente a todas as espécies de vícios, aos tóxicos”. Álcool e a mercadejar seu corpo de qualquer maneira (...) quando os exploradores que se dizem seus amantes cansam (...) as prostitutas são atiradas a ruas sem nada sem dinheiro sem roupa e muitas vezes doente ainda encontra quem lhe dê mais bebidas até caírem na calçada. Assim achando-se perdidas, vão ao suicídio ou procuram vingar-se em alguém. Muitas começam a roubar terminando na cadeia onde choram e arrependem-se amargamente lembrando-se de seus lares e sua família.” (LAGENEST, 1960, p. 12).

O jornalista pernambucano Ronildo Maia Leite, (LEITE, 2006) numa de suas crônicas publicadas em outubro de 2006 descreve com saudosismo, este Recife das antigas casas de vícios, as classificando como sendo “Ilhas de fé estrambótica” quase sempre localizadas em ruas com nomes de Santos e cercadas de igrejas. Ele cita a Rua Vigário Tenório, do Bom Jesus e da Madre de Deus, onde noutros tempos estavam situados o *Silver Star*, o *Gambrinus*, o *OK* e o *Texas bar*, além das “boîte” *Chantecler* e *Moulin Rouge*, quanto ao termo francês “*boîte*” atribuídos a estas casas, a pesquisadora Sylvia Costa Corceiro conclui que:

As denominações dadas aos estabelecimentos que vendiam bebidas promoviam bailes entre os freqüentadores, apresentavam shows de variedades, exibiam números de canto e dança com artistas, e mesmo os que lidavam mais especificamente com a prostituição, eram muito variadas no Recife da época”. (CORCEIRO, 2007, p. 5).

Assim (CORCEIRO, 2007, pg 5), nos desencoraja considerando por temeroso, em relação aos costumes recifenses, tentar propor uma ordenação rígida, no intuito a uma tentativa de dá um significado de cada denominação de ambientes noturnos interligando-os a suas específicas funções. Para ela, no que também concordamos, que as expressões café-cantante, café-concerto, *cabaré*, botequim, pensão, casa de cômodos, diferentemente nas práticas em São Paulo da segunda metade do século XX, detinham quase sempre o mesmo significado ao menos no imaginário popular de quem as freqüentava. “É muito comum, inclusive, encontrarmos referências a casas cujo nome utilizava duas dessas designações: “Cabaret Pensão Risonha”, “Café Bar da Italiana”, “Cabaret Café-Cantante de Maria do Carmo”, “Café-Cantante Radiante Bar”, e assim por diante”. Nos nossos dias, alguns destes

termos como exemplo “café”, café-concerto ou café-cantante mais se assimilaria aos bares, hoje frequentados por pessoas diversas.

Estes estabelecimentos causavam sempre um estranho incomodo para aqueles que se diziam e reafirmavam-se adeptos aos discursos de moralismo. Ao mesmo tempo em que parte da elite consumia os “serviços” ali ofertados, esta mesma elite tecia uma representação nada elogiosa quanto ao espaço de diversão, sempre visitados pelas autoridades policiais devido a discussões provocadas na maioria das vezes devido a brigas passionais ou por disputas de clientela por parte das “meretrizes” termo com o qual estas mulheres figuravam nos jornais. Lugares “baratos e mal afamados”, “paraíso dos desordeiros, gatunos, vagabundos e mulheres vadias”, territórios da “desordem e imoralidade”<sup>4</sup>. (CORCEIRO, 2007, p. 6).

Obviamente ao chegar a este ponto, retratamos um Recife já em decadência de costumes, e não mais aquele da tão esplendorosa *La Belle Époque*, obviamente restando dela alguns resquícios embora que já há muito desbotado. Até mesmo os dólares e as muitas libras esterlinas que por este Recife tanto circularam agora se faziam escassos. No limiar dos anos 50, também seguindo pelos anos 60, agora víamos uma cidade a deteriorar-se, sobretudo em suas práticas noturnas. Alguns saudosos ainda insistiam em lapsos revivalistas por manterem seus hábitos de fazer poesias em guardanapos sentados nas mesas destes “*rendezvous*” ao som de cantores populares, em músicas escolhidas nas coloridas *Jukebox*, obviamente quando não eram atrapalhados pelas gritarias ou por uma meretriz drogada a oferecer-lhes seus serviços a quaisquer tostões. “... as prostitutas tinham de enfrentar fregueses dos mais diversos tipos, desde figuras agradáveis até bêbados, delinquentes, vagabundos, ladrões, homens violentos e desequilibrados” (RAGO, 2008, p. 261).

Não era apenas os “Zé Povo” que davam as caras na Zona do velho Recife, e ao Chantecler, a esta a altura, já em início dos anos sessenta, tido como um ambiente de “segunda categoria”. Para lá dirigiam-se sorrateiros boêmios, que na calada da noite cruzavam a ponte Maurício de Nassau na direção da zona do cais do porto. Ali sobrepujava-se as regras de hierarquização classicista pregada e imposta pelas elites locais. As mesas do lupanar tornavam-se privilegiados espaços de circularidade de culturas entre expoentes de variadas classes sociais, provenientes de estados ou mesmo de nações diferentes. Num trabalho de pesquisa feito para auxiliar na composição de uma obra cinematográfica intitulada “Chanteclair: A Dama da Noite”, sobretudo entre algumas senhoras que nos tempos auge chegaram a atuar no saudoso edifício, a cineasta Mariângela Galvão deparou-se com pitorescos fatos quase que esquecidos para sempre na história do Chanteclair.

Na sua pesquisa, Mariângela Galvão chegou ao nome de uma mulher diferente, que não trabalhava por lá, mas era uma freqüentadora assídua. A viúva do poeta Ascenso Ferreira sempre acompanhava o marido em suas noitadas no Chantecler. Não era cabresto, apenas um caso que caracteriza o pensamento da época. A senhora Lourdes Moreira era a segunda esposa do poeta. Por isso, não era aceita nas altas rodas e nos encontros "familiares". O único local que Ascenso poderia sair com sua esposa sem ser importunado pelo preconceito era justamente o Chantecler. "Procurei falar com todo mundo, dos poetas às prostitutas", informa a cineasta. Ela terá o auxílio do namorado, Patrick Jorge Tresch, na fotografia do documentário. (SPINELLI, 1997).

O Chanteclair era um mundo, e o mundo freqüentava o Chanteclair, aquele espaço onde o ócio encontrava local privilegiado, onde noticiários políticos eram debatidos a temperamentos já aquecidos ao sabor do absinto. Criava-se entre freqüentadores e residentes, uma espécie de cumplicidade ante aos determinados atos e atitudes. Naqueles quartos findam-se as regras elitizadas e controladoras propagadas pela rígida moral do catolicismo que ditava as regras. Um ambiente estigmatizado pela moral cristã, mas que sua própria existência desde os anos quarenta, convivia aos olhos da própria instituição eclesiástica responsável pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, proprietária do conjunto que unidos por uma única fachada, servia de cenário a práticas não tão puritanas.

Tais ambientes eram locais aos quais as "boas famílias" pernambucanas aconselhavam seus jovens a evitar, exceto os mancebos matreiros, com a sexualidade a ebulir-se. Estamos a falar de uma época onde se classificava a cocaína como "tóxico" ao invés de droga. Alastrava-se nestes locais, substâncias já consideradas danosas como a cocaína, a morfina, o éter e ópio, cujo uso dos mesmos ultrapassavam os ambientes de diversões noturnas e já ameaçavam os jovens expoentes desta "boa sociedade" pernambucana, as tidas por tradicionais famílias, freqüentadores destes locais. Em pesquisas feitas em materiais de jornais de circulação local Corceiro nos dirá que "De acordo com a imprensa, no Recife, a cocaína era considerada "há muito tempo, o tóxico *chic* do meretrício desta cidade". A prostituta era sempre responsabilizada pela entrada dos moços no mundo do vício e vista como a "desencaminhadora dos jovens". (CORCEIRO, 2007).

Das perfumadas noites abrilhantadas pelas pedrarias, e sensualizadas pelas curvas corpóreas desenhadas por sobre o cetim, pouco ou nada havia sobrado. O palaciano Chanteclair insistia em permanecer *aceso*, agora meio a zona que cada dia mais tornava-se de baixo meretrício. O lupanar imponente agora tombava meio a decadência de um lugar, o velho Recife que outrora "*afrancesousse*", após isto "*americanizousse*" mais que agora assistia a uma decadência que aos saudosos causava estranheza. É das peculiaridades desta

exuberante casa do prazer que nos propomos a falar, descortinando alguns de seus segredos, desnudando seu erotismo presente nestas noites perfumadas deste Recife que ficou lá atrás, e que se deixou abocanhar pelo tempo e pela modernidade dos novos hábitos. O sexo agora se tornava barato, banal, estava nas ruas, nos braços apaixonados da primeira namorada do jovem sedento a adentrar aos prazeres, que no passado apenas estas casas de vícios os poderiam proporcionar, afinal, eram-se os tempos áureos da prostituição de luxo no Recife, sobretudo durante a década de 40, era-se necessário preservar a castidade das donzelas de boa família ante ao animalesco instinto masculino que faziam dos rapazes seu principal inimigo. Moças solteiras comprometidas com seus “pretendes” escolhidos a dedos, eram cortejadas nas salas ou alpendres de suas residências assistidas por um acompanhante, na maioria das vezes, figuras femininas.

O Cabaré Chantecler assim como outros ambientes voltados a comercialização dos prazeres, ganhava espaço no cotidiano burguês, afinal, a existência destas casas servia a esta sociedade enriquecida pelos novos hábitos industriais e comerciais como “válvula de escape”. Era ali, que durante as noites dirigiam-se rapazes da boa sociedade no intuito as boas companhias; a boa música; as noticiais comentadas nas mesas, em salões iluminados e teatrais apresentações de companhias dançantes de variados lugares. Locais como o Cabaré Chanteclair ao mesmo tempo em que recebiam críticas dos moralistas, e constantes batidas policiais, eram vistos como “o mal necessário”. Talvez sem a existência destes, a “honra” das moças decentes estivessem a correr sérios perigos, sobretudo numa sociedade onde vigora-se pensamentos tão arcaicos relativos a honorabilidade, e que tanta importância dava a pureza e a castidade feminina.

No capítulo a seguir, o leitor adentrará ao cotidiano destas “emparedadas”, prisioneiras do luxo, ao mesmo tempo em que amargavam a vergonha em submeterem-se a uma vida de humilhações e exposição à violência, as doenças e aos vícios, dentre as paredes de um palácio dos desejos que consumia a carne humana, o corpo da mulher.

## CAPÍTULO 2

### POR DETRÁS DAS CORTINAS DO PALÁCIO DOS DESEJOS

#### **2.1 ‘As Emparedadas da Rua da Amargura’: Nem santas nem pecadoras, simplesmente mulheres.**

No histórico drama de ficção, ‘A Emparedada da Rua Nova<sup>6</sup>’, obra escrita pelo bacharel em Direito pernambucano Joaquim Maria Carneiro Vilella (1846-1913), e publicada pela primeira vez no ano de 1886 pela Typographia Central sendo mais tarde, desmembrada em fascículos e publicada no *Jornal Pequeno* em formato de folhetim, entre 3 de agosto de 1909 e 27 de janeiro de 1912, se é narrado de forma desnudada, alguns costumes da sociedade pernambucana da segunda metade do século XIX. Neste cenário marcado pelos costumes de sociedade patriarcal, o Comendador Jaime Favais, influente comerciante local, tomado em ira diante da vergonha, pela gravidez da filha Clotilde Favais, que estava a esperar o que seria fruto de um romance tido como sórdido, com o amante de sua mãe Josefina Favais, decide emparedar viva sua própria filha em um dos cômodos de sua residência de luxo na Rua Nova, localizada no Centro do Recife. Ao emparedar sua filha, simbolicamente estaria a emparedar (fazer sumir) diante de seus olhos e de toda a sociedade os seres indesejados, cuja simples existência seria símbolo de uma vergonha, de uma degradação moral diante dos comportamentos sociais daquele período. Enclausurar da sociedade, aqueles que para ela simbolizava a vergonha, a depravação a moral, um ataque vulgar aos bons costumes era um dos hábitos desta sociedade que não tolerava deslizes, sobretudo quando explícitos. Ao abordar o Chanteclair, num recorte embora que já nos anos de 1950, observamos mesmo que de forma simbólica a presença dos resquícios de um alguns costumes. A sociedade diante de seu zelo por uma moral difundida sobretudo pela religião, utilizava-se do Chanteclair e de outros espaços similares, para “emparedar” vivas aquelas a quem a sociedade desprezava por atribui-las a depravação desta moral. A filha da empregada que engravidava do patrão ou de seu filho, a jovem que se deixava levar pelos romanceios de um ‘Dom Juan’ e a ele sedia a sua pureza, ou mesmo a moça livre, que se deixava tomar pelos vícios da droga e da bebida. Era no Chanteclair e em outras casas de diversão noturna que acabava caindo estas meninas,

---

<sup>6</sup> Ao citarmos a obra clássica ‘A Emparedada da Rua Nova’ neste trabalho cujo recorte são os anos de 1950, evidentemente estamos a nos referir a costumes e práticas observadas na segunda metade do século XIX, relativas a uma moral propagada numa sociedade que, mesmo evoluindo em alguns costumes com o limiar de um novo século, ainda permanecia a preservar alguns costumes e ideias do século anterior. VILELLA, Carneiro. A Emparedada da Rua Nova. 5 ed. Recife: Editora CEPE, 2013.

muitas das quais ainda bem jovens, para ali cercada pelas paredes adornadas, gastarem a sua juventude.

Em matéria publicada em 19 de julho de 1959, o periódico local, o Jornal Diário de Pernambuco dava destaque à prostituição do Recife, de forma crítica e a ligando a todo tipo de miséria e atos criminosos. De acordo com a matéria assinada por Severino Barbosa, os sobrados do velho Recife estavam naquele ano, habitados por trinta mil prostitutas, vinte e cinco mil ladrões e quinze mil menores abandonados. A velha e nostálgica zona boêmia recifense, já dava sinais de desgaste deixando para trás a alcunha de lugar de luxo e de bebedeiras entre burgueses e abastados. Os prazeres noturnos ali comercializados, sobretudo desde os anos trinta, agora ganhavam as páginas de jornais como algo vinculado às práticas criminosas, ligadas ao proxenetismo, lenocínio e rufianismo.

O denominado proxeneta ou rufião aproxima o cliente da prostituta (o), recebendo algum valor por este serviço. Muitos deles chegam a proteger a prostituta e também o cliente, evitando brigas, disputas e contendas violentas. Outros procuram conduzir a atividade de maneira limpa, sem permitir o uso de droga, álcool ou outros elementos, que possam perturbar, igualmente o relacionamento sexual. (NUCCI, 2014b, p. 179).

Para compreendermos o significado destes termos assim como as punições a tais crimes, correspondentes a tais adjetivos, recorreremos ao Código Penal brasileiro em vigência, criado pelo decreto-lei nº 2.848, de sete de dezembro de 1940, e alguns artigos citados em seu capítulo V, que atribui estes termos a prática da mediação entre pessoas para a finalidade sexual paga, consistindo assim numa prática de exploração sexual, punível pela lei.

Neste Recife da segunda metade dos anos de 1950, Já não se falavam em mulheres cultas que ali aportavam em navios provenientes, sobretudo da Europa, e que muitas das quais por vontade própria, aqui chegavam atraídas pelo promissor mercado gerado pela novíssima industrialização que por aqui já suplantava os rendimentos tradicionalmente gerados pelo mercado latifundiário açucareiro. Em sua obra *Os prazeres da noite : prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, a historiadora Margareth Rago afirma que, muitas destas mulheres chegavam ao Brasil traficadas por '*caftens*' que as retiravam dos seios de suas famílias com falsa promessa de trabalho ou de casamento falsamente realizado ainda em seus países por traficantes de escravas brancas. De aldeias isoladas ou fugidas de conflitos e também da miséria, por aqui vinham parar belas estrangeiras. Recife por volta dos anos 1930, tais quais outras importantes cidades brasileiras, tornar-se-ia um entreposto do comercio dos prazeres, rivalizando com Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, e outras na América do

Sul como Montevidéu e Buenos Aires. Algum destes indivíduos era de procedência estrangeira, e entravam no Brasil disfarçado de representantes comerciais, no intuito a “venderem” suas mercadorias nas pensões de luxo a cafetinas, algumas igualmente estrangeiras, mas que por aqui fizeram fortunas com a prática do lenocínio. Tornavam-se as paredes do complexo do Chanteclair, dentre outras pensões alegres e casas noturnas, uma espécie de prisão de luxo para estas novas “emparedadas” vivas.

Retornando as páginas do Diário de Pernambuco em matéria de julho de 1959, nos deparamos com a figura da prostituta não como uma forte mulher tentando resistir a realidade social do casamento ou de uma vida religiosa conventual a elas impostas como sendo mulheres num sistema onde se predominava o patriarcado, mas sim como criaturas ali lançadas graças ao desequilíbrio social imposta por um destino de miséria, que as empurravam as mãos dos “tubarões da carne humana”. Neste período era o Pina e o Bairro do Recife, redutos destas casas noturnas utilizadas para a prática do lenocínio. Nestes locais, mulheres vendiam ou eram obrigadas a venderem seus favores sexuais nas “*boites*”, cabarés granfinos ou mesmo nos prostíbulos mais sórdidos. Segundo esta mesma matéria, o mais imundo antro de prostituição dentre outros localizados na Rua da Guia, chegava a cobrar mais caro do que uma hospedagem no Grande Hotel. Por estas zonas de proxenetismo, vez ou outra recorria a justiça a cobrar punições devido aos crimes de sedução proposto através do artigo 117 do então código penal. Tais tentativas de punir aos infratores ficavam no Recife, a critério da Delegacia de Vigilância Geral e de Costumes.

Nestas casas de luxo, lá pelos anos de 1950, era comum o aliciamento de meninas com idades de 14, 15 e 16 anos, de acordo com o jornal, tais fatos ocorriam aos olhos da justiça, que através de seu Juizado de Menores, nenhuma providencia tomava. Nesta época, a Rua da Guia; do Apolo; Bom Jesus e Rangel eram jardins perfumados, onde cafetinas proprietárias de estabelecimentos mantinham seus olhos bem abertos a moçoilas jovens e bonitas, das quais “um erro na vida; um namoro desastrado, e elas haveriam de cair nas mãos inescrupulosas das cafetinas aliciadoras”. Eis o perfil das “servidoras do prazer” que faziam das paredes do complexo do Chanteclair seu local de reduto e morada. Mas de que situação social provinha estas jovens meninas que nas pensões de luxo, agora iam substituído as estrangeiras, outrora protagonistas do jogo do glamour ao qual era inserido as práticas do comércio do prazer. Quem eram estas mulheres que habitavam as paredes adornadas do velho edifício hoje lançado no esquecimento? Severino Barbosa, em sua matéria nos dá a idéia sobre quem eram as possíveis vítimas do aliciamento ao proxenetismo na cidade, e sobre o

quão doloroso e terrível era o destino de quem de uma maneira ou de outra, era aprisionada na inóspita “Rua da Amargura”:

#### RUA DA AMARGURA: A MAIS HABITADA DO RECIFE

30 MIL PROSTITUTAS FAZEM O COMÉRCIO DO LENOCÍNIO – SECRETÁRIO DA SEGURANÇA ESTUDA O PROBLEMA – 600 CRIMES DE SEDUÇÃO NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 59 – “MARIPOSAS” DE 14 ANOS – OS QUE ENRIQUECEM COM A MISÉRIA ALHEIA. Não é com violência que o assunto deverá ser resolvido. E nós estamos com o coronel Costa Cavalcanti, secretário da Segurança Pública, quando ele afirma que: O PROBLEMA DO LENOCINIO EM NOSSA CAPITAL, MERECE UM ESTUDO PROFUNDO E INTELIGENTE, AFIM DE QUE POSSA SER ENCONTRADA A SOLUÇÃO MAIS EXATA PARA O MESMO. No interior dos velhos sobrados do Recife ou cortando as pontes desta falsa Veneza, cansada e castigada, vivem 30 mil prostitutas, 30 mil mulheres que vestem, comem e bebem do seu comercio pecaminoso. 30 mil prostitutas, 25 mil ladrões, 15 mil menores abandonados. Uma estatística vergonhosa, lançada como um desafio à dignidade da tradicional cidade brasileira, tida a como terceira do país. Dois bairros, o do Recife e o do Pina, quase inteiramente utilizados para a prática do lenocínio. E as ruas, e as casas isoladas, as “boîtes”; dos cabarés granfinos, aos prostíbulos mais sórdidos. 30 mil mulheres, jogadas pelo desequilíbrio social, pelo destino, ou seja lá por quem for. Nas mãos dos tubarões da carne humana, dos exploradores do meretrício, para quem o lenocínio sempre foi o mais rendoso, o mais fácil, o mais garantido e o melhor negócio do mundo. Na rua da Guia, o mais imundo antro de prostituição do Recife, existem pensões que cobram mais caro do que o Grande Hotel.

CRIMES DE SEDUÇÃO: Segundo estudiosos dos problemas sociais desta parte do Brasil, foram praticados, no Recife, neste primeiro semestre de 1959, cêrca de 600 crimes de sedução, numa média de três vêzes por dia, o art. 27 do nosso Código Penal foi contrariado. A Delegacia de Vigilância Geral e de Costumes, à frente o Sr. Rivadávia Rocha, promoveu mais de 100 inquéritos, tendo a concluir número quase igual. Em seis meses, 400 ou 500 pessoas foram ouvidas, como vítimas, autores ou testemunhas. Sabemos que sòmente pequena porcentagem procura a polícia. A maior parte prefere esconder o crime; por conveniência, por timidez, ou por vantagens econômicas. E’ o prêmio oferecido às jovens desprotegidas, sem orientação doméstica, jogadas à sua sorte, castigadas pela cidade grande, cruel e indiferente, onde a fome aparece como um fantasma impressionante. 600 crimes contra o pudor, o critério que a mulher possui de mais caro. Não comentemos os casos violentos. Deixemos de citar nomes de tarados e monstros sexuais, porque sua lembrança nos repugna. A RUA DA AMARGURA Não estamos descobrindo nenhum segrêdo. Todo mundo no Recife, sabe que as pensões de mulheres, onde se pratica o comércio da prostituição, estão cheias de meninas de 14, 15 e 16 anos. O juizado de menores também sabe disso. Certa vez, consultado sôbre o assunto, o dr. Juiz de menores disse QUE, EM TEMPO OPORTUNO, O CASO SERIA ESTUDADO. Ruas da Guia, do Apolo, do Bom Jesus. Bairros do Recife e



do Pina. Rua do Rangel. As cafetinas estão de olhos abertos para as meninas jovens e bonitas. Um êrro na vida; um namôro desastrado e elas vão cair nas mãos inescrupulosas da dona de pensão. A mocinha pobre que se apaixona pelo rapaz granfino; a filha da lavadeira que não se previne contra o “play-boy” do apartamento; a garota metida a moderna, que despreza a palavra dos pais; a empregadinha de bares; a cobradora de ônibus, regressando para casa depois das meia-noite. O lôbomáu está na esquina. Depois, a rua da amargura. O bate calçadas a procura de homens, que, na opinião de certo homem da lei, é o direito líquido e certo do “ir e vir”. E a extorsão das “madames” impiedosas. Até o esgotamento da mocidade, a chegada das doenças terríveis e da velhice. 30 mil mulheres do Recife vivem à margem da sociedade. São as “mariposas” da rua da amargura. FALA O SECRETÁRIO DA SEGURANÇA - “Não podemos tentar, de uma vez, grosseiramente, resolver o problema do lenocínio do Recife”, disse ao repórter o coronel Costa Cavalcanti. “A coisa é mais séria do que se pensa. Inicialmente, o que podemos fazer é evitar os excessos, combater a falta de higiene de alguns locais e pensar, de futuro, numa maneira prática de solucionar o caso. Não usaremos a violência”. O atual Secretário da Segurança, talvez, tenha sido o primeiro chefe de polícia de nosso estado a visitar o quartel-general do lenocínio do Recife. E disse mais o coronel Cavalcanti: - Também visitarei o Pina. Basta apenas que as famílias residentes naquele bairro compreendam. Não podemos adotar medidas drásticas. Se quisermos retirar de uma vez, tôdas estas mulheres de nossa capital, onde as acomodáramos?”“. No Pina, queriam inaugurar certa falsa “boíte”, junto a um ginásio para crianças. O coronel Cavalcanti proibiu. Centenas de famílias protestaram. O protesto foi atendido, e a “boíte” virou restaurante. - “O resto virá depois”, promete o coronel. BARBOSA, Severino. Rua da amargura: A mais habitada do Recife. Diário de Pernambuco, Recife, 1959, p. 2).

. Esta sina que acometia moças de origem humilde era comum as “Marias” que habitavam os cubículos nos andares superiores nestes casarões do prazer, segundo podemos constatar em matéria publicada pelo Diário de Pernambuco em nove de abril do ano de 1961, na qual fazia alusão a um crime ocorrido na intimidade de uma destas pensões alegres. Na matéria é noticiado que o marítimo de nome Astrogildo Sebastião da Cunha, homem casado, de 32 anos de idade, residente numa pensão localizada no Cais de Santa Rita, havia sido medicado num pronto socorro, o Hospital de Sangue localizado na Fernandes Vieira, devido a um profundo ferimento no rosto causado por golpes de “peixeirada”, segundo o jornal, agressão desferida pelo também marítimo conhecido por “João Cachorrinho”. A briga que gerou o conflito entre ambos, deu-se devido aos dois entrarem em disputa por uma “Maria”, uma moça cujo nome não tinha importância alguma ser divulgado em um jornal de grande tiragem. Uma “Maria” que além de um nome, tinha uma família, era proveniente de um lar e que dele saiu seja motivada pela miséria ou pela condição subalterna e falta de liberdade ofertada às mulheres, cujo único destino aceitável era o de um bom casamento arranjado ou o cuidar dos pais ou de uma ‘tia’ durante a velhice. Por vezes a Zona era para estas “Marias” a única opção para

gozarem de certa “liberdade”, quem sabe até ascendendo dentro de uma sociedade machista, como a dona de uma pensão ou cabaré de luxo, e a partir de então obter por meio de seus clientes, um determinado tipo de prestígio ou respeito.

Mesmo freqüentados por “*peessoas chiques*” alguns destes lugares voltados ao prazer eram constantemente noticiados em páginas de jornais locais, sobretudo em quadros voltados a notícias policiais. Eram pontos de ações de desordeiros e beverões que sob efeito de bebidas alcoólicas e mesmo de outras drogas ilícitas comercializadas e utilizadas pelas “moças” ali residentes ou clientes que procuravam seus serviços. Dentre estes clientes estavam estrangeiros que no Recife chegavam provenientes das atividades portuárias como se é possível analisar em notícia divulgada pelo Jornal Diário de Pernambuco no dia 15 de novembro do ano de 1962 noticiada da seguinte forma:

OkunoYukiu, de 31 anos, solteiro, tripulante do pesqueiro japonês “Júlio Pereira”, foi preso na madrugada de ontem, no bairro do Recife, quando promovia desordens no cabaré “Chantecler” localizado à rua Mariz de Barros, agredindo e ferindo a mulher Odete Maria José da Silva, 17 anos, residente no Córrego Jeca Tatu, 36, Casa Amarela. Ao que foi apurado, o marujo Japonês, depois de passar vários dias em alto mar, entregue as pescarias, resolveu tirar as forra com uma “farrinha” nas pensões alegres do bairro do Recife. Encontrou Odete, engraçou-se dela e convidou-a a participar da farra, que começou às 20 horas, prolongando-se até a madrugada do dia seguinte, quando veio notar a falta de 500 cruzeiros. Cismou que a companheira de bagunça tinha furtado o dinheiro e resolveu dar-lhe um banho de cerveja, ferindo-a no lábio superior com um copo. Preso por soldados da CPO, o desordeiro foi conduzido para a Delegacia de Plantão, onde foi autuado e recolhido ao xadrez. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Marinheiro Japonês foi prêso por embriaguês, agressão e desordens, Recife, 1962, p. 7).

Era neste ambiente iluminado em seu interior, e com teor de penumbra em suas alcovas e salões, que se escondiam a “bruxa” disposta a exalar sobre os machos sua teia de desejos e enredá-los após atraírem a este ambiente de pecado e luxúria, ambiente tomando pelo condenável, mas aceitável hábito da prostituição, afinal, para que se fosse preservada a honra das honráveis famílias se fazia necessária à existência das “*putas*” em seus salões a desfilarem prazer e pecado, uma mulher estigmatizada pela lida, como fala Erving Goffman. De acordo com seus escritos, estariam estas trabalhadoras da noite vinculadas a estigmas que para ela, seria um indivíduo que se encontraria inabilitado para a aceitação social plena, e como nos diz Tatiane Michele Melo de Lima, em seu trabalho sobre a prostituição feminina no Brasil, seria “o conjunto específico de conceitos relacionados à informação que o indivíduo transmite sobre si” (LIMA, 2011). Ainda de acordo com ela, todas as sociedades

estabelecem regras e todos àqueles que de certa forma desviavam-se destas imposições seriam ou são considerados desviantes, e relacionados a algumas indivíduos que de alguma forma abandoavam por resistência a imposições de uma sociedade onde se predominava o patriarcado ou mesmo pelas constantes violências domésticas a elas impostas pela sua condição biológica, e que para estas pensões alegres fugiam no intuito a uma vida menos regrada, poderíamos de acordo com Lima, considerá-las “desviantes sociais”, pois estariam as mesmas a recusar o papel ou lugar social a elas destinado, rebelando-se diante da instituição familiar por exemplo, e devido a isso estigmatizadas por seus novos hábitos de vida, obviamente estamos a nos referir a aquelas que mediante ao abandono dos lares, miravam como destino, os casarões do bairro do Recife, sejam atraídas pelo promissor mercado da prostituição naquela área, seja pelos vícios proporcionados pelos hábitos noturnos daquele lugar e mesmo por prazer em viver uma vida de certa forma, atribuída ao prazer e á liberdade, lembrando que falamos de uma época onde o prazer feminino era tido como ilícito, condenável em nome da moral seja familiar ou religiosa.

A prostituição em diferentes momentos históricos foi concebida como um perigo ameaçador, que se escondia nos “antros” e encobria-se com “véus” como nos diz Engels em seu trabalho referindo-se as práticas do meretrício em finais do século XIX aos primeiros anos do século XX. Práticas aceitáveis até certo ponto, afinal, a estas mulheres da noite tinham a função de aplacar os desejos dos homens, uma vez que as mulheres consideradas honestas deveriam, obviamente, obrigadas pelas práticas da sociedade, reprimir seus próprios desejos, afinal, era o desejo por si só considerado uma prática ligada às doenças.

Uma vez mais, a naturalização marca a visão sobre a sexualidade, como se fosse determinada biologicamente. A sexualidade masculina é viril, e os homens teriam um desejo insaciável, enquanto a mulheres tem sua sexualidade marcada pela passividade, vinculada mais à reprodução que ao prazer. A hipocrisia dessa dupla moral sempre tratou a prostituição como algo necessário para preservar a virgindade das “moças de família” e garantir a satisfação dos desejos “insaciáveis” dos homens casados. (FARIA; COELHO; MORENO, 2013, p. 5).

Era ainda na segunda metade do século XX, a prostituição, além de ser tida como uma espécie de “mal necessário”, um perigo, algo tido como “repugnante”, “imundo”, “miserável” e “degradante”. Cabia aos discursos médicos debatê-la, a justiça através de suas polícias de costumes combatê-la. Fazia-se necessário ocultá-la, fazê-la desaparecer ou conter as práticas atribuídas a aquele ambiente indigno, as recluindo a determinados lugares distantes da boa sociedade, a privando de seu efeito maléfico, o que talvez justifique a falta de

documentação na imprensa local, sobre a grandiosidade e o glamour dos eventos relacionados aos luxuosos e encarecidos espaços onde no Recife, atuavam estas mulheres de vida degradada pelas condenáveis vicissitudes da imoralidade, cabendo-lhes apenas pequenas e tímidas notas, em manchetes policias. Aos médicos da saúde pública cabia penetrar a estes ambientes onde pairava a imundície disfarçada de luxo e o pecado. Sabemos que no Recife, a zona do meretrício era geograficamente delimitada, cabendo para acessá-la apenas a travessia de determinadas pontes. Na cabeceira da Maurício de Nassau, como que a receber o visitante logo se via as fachadas do Cabaré Chantecler e do Moulin Rouge. Nestes palacetes de janelas adornadas, por detrás de suas cortinas além de belas mulheres, algumas menores de idade, também se escondiam os vícios e as doenças, algo que deixava em polvorosa a saúde pública pernambucana, uma sociedade ainda embevecida pelos sermões moralistas em suas faustosas igrejas, sempre lotadas de fiéis.

Nos imponentes casarões ecléticos do centro do Recife, propagaram-se práticas importadas pela burguesia local, práticas estas relacionadas aos hábitos noturnos dos prazeres e dos vícios. Nestas pensões alegres do centro, entravam os sadios rapazolas das boas famílias recifenses e deles saíam infectados pela sífilis que ainda nestes anos deixava nesta sociedade sua marca, ou mesmo senhores maduros já infectados que ali, na alcova de uma mocinha lançada na vida por motivos diversos, nela plantava sua semente contaminada.

Nestes templos do erotismo ganhavam protagonismo os hábitos da sexualidade desregrada e pervertida. Práticas condenadas nos altares pelos padres, mas que ali, achavam habitat propício e hospitaleiro. Nas paredes do Chanteclair, o sexo não era tido como algo apenas como uma função orgânica vinculada à reprodução da espécie, mas sim, uma mercadoria, um prazer a ser pago, consumido sem medidas. Ali o homem em prática seus instintos mais animais, fantasias alimentadas pela libido, por vezes impensável em serem praticadas com a esposa, muito menos com a prometida de “boa família” ao qual largavam ao final do namoro assistido em sala, geralmente pela mãe da prometida, para correrem a zona a buscarem satisfação a seus desejos.

No ensaio A Forma Mais Generalizada de Degradação na vida Amorosa, Freud argumentou que, na maioria, os homens tendem a degradar suas parceiras e talvez sejam atraídos por mulheres que consideram inferiores a eles. Mesmo os mais convictos adeptos da psicanálise relutariam em chegar tão longe. Mas hoje, vários psicólogos e sexólogos acreditam, com variados graus de reserva, que certa medida de conflito é necessária para a satisfação sexual num relacionamento. De fato, pesquisas sobre fantasias sexuais, inclusive de Masters e Jonhson, mostram que devaneios violentos são muito comuns. (PEREIRA, 1981, p. 714).

Destes ambientes de certa forma aceitáveis e ao mesmo tempo atacados por discursos moralistas, saiam os jovens estudantes cheios de paixões pela meretriz experiente, e também aqueles que por azar infectavam-se pela sífilis ou pelo cancro, doenças atribuídas às perversões sexuais, sintoma de um organismo já doente devido a um *prazer excessivo*, doença proveniente das “*mariposas*” deficientes da moral, que contaminavam os jovens promissores, que para aqueles ambientes eram atraídos pelo “canto de Circe”, afinal, a prostituição presente nos discursos, ainda era inserida no espaço da sexualidade pervertida, e figurava ao lado dos amorais; libertinos; pederastas; onanistas; sodomitas; das lésbicas e ninfomaníacas. Eram as prostitutas o feminino do bandido, do infrator de sexo masculino, seres de comportamentos sexuais desviantes, criminosas natas, dadas ao furto como se pode constatar em matéria já citada publicada em novembro de 1962, pelo jornal Diário de Pernambuco, na qual ao perceber a falta de uma determinada quantia de 500 cruzeiros, o marinheiro japonês Okuno Yukio logo atribuiu à perda a jovem prostituta Odete Maria José da Silva, que inocente ou não, sofreu dele violentos golpes corporais e também fora aviltada com um ‘banho de cerveja’, afinal, era a figura da mundana sempre atribuída ao roubo, ao ilícito. Além disso, eram estas “damas da noite” as responsáveis pela propagação das doenças, dos vícios da juventude nas bebidas alcoólicas e até mesmo nas vendas de drogas ilícitas. Seres avessos ao casamento tido como medida higiênica.

As imagens do *cancro*, da *chaga*, da *úlcera*, da *gangrena*, do *vírus* freqüentemente utilizadas para identificar a prostituição, revelam um dos diagnósticos presentes no discurso: a prostituição é uma enfermidade do corpo, um foco infeccioso que ameaça a saúde e a vida. (ENGELS, 2004, p. 74).

Eram estas “*mariposas da noite*” apontadas como as propagadoras das doenças e também das práticas desviantes provenientes de uma sexualidade pervertida. O Chanteclair era observado pela boa sociedade da época sob esta perspectiva, mas mesmo assim, seus aconchegantes salões jamais deixavam de contar com a presença ilustre de poetas e ensaístas locais. Mesmos os discursos médicos de higienistas da saúde pública, os sermões dos padres nas igrejas, e as constantes aparições em manchetes policiais, não faziam com que o cabaré Chantecler, assim como outros estabelecimentos similares decaísse de suas práticas ou afugentasse seus clientes.

Podemos assim dizer, que além dos perigos que rondavam a zona, violência, roubo, extorsões por parte dos agentes de costumes, as doenças venéreas figuravam como o grande

monstro que assolava os meios de prazer. No leito da perfumada amante, sempre pairava a desconfiança do contágio que em algumas situações configurava-se como algo letal, capaz de desfigurar o corpo e também a “boa moral” ocultada muitas vezes sobre o véu da hipocrisia que habitava o patriarcalismo conservador. As pensões alegres como o Chantecler, além de templos dos desejos, figurava também como um local perigoso aos higienistas e para a saúde pública. A possibilidade a um possível contágio com uma destas enfermidades frutos do “pecaminoso” ato da libidinagem era o preço que se pagava por algumas noites ou simplesmente alguns minutos de prazer regado a champanhe e absinto. Crescia entre as autoridades médicas estaduais a busca por conter os males provenientes da zona, dando continuidade a uma “revolução científica” que no Brasil tivera início por volta da segunda metade do século XIX. Era a batalha contra o mal causado pelo fantasma da sífilis.

Iniciada na primeira metade do século XIX, tal “revolução” apenas se consolidaria no começo do século XX, quando se estabilizam as linhas gerais de um modelo de compreensão da doença, que se manteria praticamente inalterado até meados da década de 40. Envolvendo a própria definição da doença – seu agente causal, sua sintomatologia, os meios de transmissão, suas conseqüências orgânicas e sociais, sua evolução epidemiológica e os meios terapêuticos e profiláticos para abordá-la –, este modelo configurou o discurso e, em larga medida, justificou as ações que, em seu conjunto, formavam a luta antivenérea. É em seu âmbito que a sífilis se transformou no problema venéreo, ou seja, em uma das mais graves doenças humanas e em uma das mais sérias ameaças à saúde pública. (CARRARA, 1996, p. 26).

De certa forma, meio a esta sociedade extremamente moralista, fundamentada nos conceitos alimentados pela Igreja, de que tais doenças figuravam como castigos aos “pecados da carne”, esta busca científica por uma solução que minimizasse os avanços dos males venéreos meio a esta sociedade pernambucana de então, por si só, já representava um avanço nas mentalidades, figurando estes “males do prazer” não mais como um erro moral passível a punições divinas, mas sim, como resultado de males sociais, sendo as unidades de saúdes gerais não mais apenas um agente que “pune e cura”, mas um agente que pesquisa e tenta curar. Quanto a isto, retornamos a Europa do século XVIII, ou mesmo aos Estados Unidos do fim de XIX, com seus grandes complexos hospitalares para tratamentos de loucos e enfermos idealizados pelo doutor Thomas Story Kirkbride.

Os discursos a respeito de uma sexualidade doente se expressa, sobretudo através da idéia de *depravação*, construída num campo demarcado por limites onde se entrelaçam e se confundem as noções de *irracionalidade* e de *imoralidade*. Assim sendo, classificava-se a

prostituição, a homoafetividade, o alcoolismo e a histeria igualmente como comportamentos desviantes, ambos inscritos no âmbito da loucura, instinto não controlado, observado como um estado primitivo de selvageria, característico da frágil formação espiritual e intelectual, valendo salientar alguns estudos eugênicos de finais do século XIX, que classificavam as “*mundanas*” como sendo dotadas de um cérebro menor que o normal, sendo estas a fêmea do lado masculino bandido. Mulheres cuja carreira remonta a devassidão, desarranjadas de suas faculdades mentais, ignorantes e de espírito fraco, seres onde os instintos primitivos prevaleciam sobre a própria razão, incapazes de resistirem às paixões avassaladoras e vontades imorais e pecaminosas. Era o Chanteclair morada destas *ninfas* desvairadas, propagadoras do pecado, das doenças e da moralidade corrompida. De seus quartos pestilentos, cheirando a uma mistura de suor, sexo e a fragrância francesa, atraíam suas “vítimas” as enredando e as arrastando a imoral alcova, onde os escrúpulos pregados pelo padre eram esquecidos, e onde os instintos animais dominavam a própria razão.

Tais espaços médicos indicados pela saúde pública para o alcance da cura do mal oriundo dos desejos, segundo Foucault, espaços que reproduziam uma “quase identidade entre o gesto que pune e o gesto que cura” (Foucault, 1978, pag 87). Unidades hospitalares que serviam como abrigos a loucos, aos libertinos, aos mendigos e também aos venéreos e aos sífilíticos. Apesar da gravidade das doenças, sobretudo da sífilis, alguns homens tinham-nas como sendo um símbolo de “machesa” como nos diz fala Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande & Senzala*. “A sífilis fez sempre o que quis no Brasil patriarcal. Matou, cegou, deformou à vontade” (FREYRE, 2005, pag 401). Para ele, efeito de uma sexualidade precoce, provenientes de também precoces brincadeiras sexuais com negras e mulatas, sendo a estes jovens o atestado de entrada no mundo masculino adulto. Tais meninos, desvirginando-se por volta dos 12 anos, exibia por vezes orgulhoso as marcas deixadas pela sífilis em seus corpos, mostrando ao mundo que deixara de ser “donzelão”, constituindo-se tais hábitos como um estranho ritual de passagem, fazendo as marcas da já citada doença algo como uma “tatuagem”, um sinal irrefutável daqueles que já conheciam mulheres, o “garanhão” tão desejado pelo pai, afugentado o grande temor da idéia de possuir um filho “maricas”, pensamento este que se estende ao longo de quase todo o século XX, onde pais recifenses alimentavam o grotesco habito de forçarem seus meninos a visita a uma das muitas casas de tolerância que tomavam o centro do Recife, de onde de lá, ou por vezes saíam apaixonados por uma meretriz mais velha e experiente, ou sifilizados e acometido por qualquer outra doença. Estes “rituais de passagem” eram comuns em meio ao pensamento patriarcal desta sociedade recifense ainda tão provinciana mesmo já estando na segunda metade do século

XX, num Recife que ensaiava a sua tão sonhada transformação numa cidade moderna. Era assim necessária a inserção dos doutores nas alcovas de pecado, afinal, estava em jogo o resgate da moral e da sexualidade limpa e disciplinar, “*imundiçada*” pela degradante miséria causada pela sífilis e outros males escondidos por detrás das janelas vetustas do velho cabaré. Era preciso salvar a moral e as famílias, bradavam conservadores e moralista em seus discursos.

Podemos concluir que, diante do avanço dos males causados pelas doenças venéreas que assolavam as *pensões alegres*, *nightclubse* dos famosos *cabarés* presentes nas grandes cidades cidade, havia um profundo interesse das sociedades médicas em moralizar a prática, e possivelmente minimizar e banir as ações maléficas das pestes responsáveis pelo declínio da família saudável.

O saber e a consciência médica da década de cinquenta, já não pregavam o isolamento dos agentes contagiantes e contagiados dos males provenientes do prazer. No Recife surgiram em finais dos anos de 1940, unidades especializadas no tratamento para tais males, como por exemplo, o Centro Médico Gouveia de Barros, para onde eram encaminhadas as mulheres da zona acometida pelos males venéreos, assim como outros pacientes afetados por outras doenças como o mal da tuberculose. A primeira referencia no Jornal Diário de Pernambuco, relacionada ao Centro de Saúde Gouveia de Barros, unidade pública mantida pela municipalidade da cidade do Recife é relativa à publicação do dia 29 de agosto do ano de 1948, quando uma nota anuncia que o dispensário desta unidade servirá como ponto de cadastramento dos “tuberculino-torácicos” , funcionários da limpeza pública desta cidade.

As mulheres pra freqüentar a “boite” elas tinha que ir levar a carteira que tinha, a carteira da prostituta. A carteira de saúde delas tinha que tá em dias. A dona de pensão que não levasse as suas mulheres, pra aqui pro posto Gouveia de Barros, que não levasse aquelas mulheres pra se vacinar, pra tomar medicamento, pra fazer exame ginecológico, de quinze e quinze dias, e num tomasse aquele remédio, aquela vacina, e num tivesse carimbado ali, ela pagava uma multa muito grande. (Maria José Medeiros em CHANTECLER... 2000, cap. 1).

No depoimento de Maria José Medeiros, ex-garçonete do cabaré Chantecler, também podemos perceber os preconceitos sofridos pelas mulheres que porventura viessem a contrair alguns dos males venéreos, ou mesmo quando sobre elas recaiam a suspeito de eventual contágio. De acordo com Maria José Medeiros, outros funcionários da casa deveriam alertar



as “funcionárias” para sequer assentar-se numa cadeira onde esta “contaminada” tivesse sentado.

No entanto, a estas “*mulheres da noite*” recaia a mão firme e pesada do preconceito, que inclusive recaia à aqueles que mesmo não sendo afetados pelas doenças, figuravam como seres em situação de risco, e dentre estes estavam obviamente às mulheres tidas como de vida fácil, as “moças alegres” que abrilhantavam as noites perfumadas e cantantes do cabaré Chantecler e de outras casas de vícios e tolerâncias que nesta época eram tão comuns, sobretudo na zona do cais do porto, “*mundanas*” insaciáveis, que deixavam-se levar pela insanidade dos prazeres e entregavam-se a quem quer que seja, patrícios e marítimos provenientes dos locais mais desconhecidos. Mulheres que apesar de admiradas em seus modos refinados, eram enxergadas pelas provenientes da boa sociedade, como verdadeiros receptáculos das doenças e das imundícies, sempre dispostas a contaminar seus parceiros, rapazes “ingênuos” que em suas redes ilusórias eram atraídos através de seus ardentes jogos de sedução. “*Mundanas*” que ao segundo pavimento do cabaré Chantecler, exibiam seus corpos desnudos, ao som das canções do momento e das baladas americanas, em época onde o inglês figurava quase que como o segundo idioma da aburguesada capital pernambucana.

Havia uma classificação em relação à prostituição pública, onde situações econômicas destas profissionais e das casas eram observadas a partir do luxo e requinte ostentado ou não, por estas mulheres e seus estabelecimentos, alguns sobrados luxuosos, prédios de arquitetura eclética que no Recife chamavam atenção pelos charmosos ornamentos palacianos, outros, simples quartos de pensões baratas localizados em sobrados decadentes, pelo bairro da Boa Vista. Dentro desta classificação hierárquica, quanto mais pobre e desprovida de luxo, mais perigo expressavam estes estabelecimentos de meretrício em relação à sífilis e a outras doenças venéreas, obviamente não era o caso do cabaré Chantecler e outros estabelecimentos como, por exemplo, o Moulin Rouge. Segundo José Luiz da Mota Menezes, que nos fala em documentário Chantecler: A Dama da Noite, eram excessivos os cuidados que as donas de pensões, as cafetinas, mantinham em relação a saúde de suas “*mercadorias*”, afinal, delas dependia a lucratividade da casa, angariada a partir de um *prestígio* que poderiam ou não, possuírem neste ramo.

Havia nestes ambientes renomados certos cuidados assépticos em relação à prevenção de doenças, algo que destacava as meretrizes de salões das prostitutas de rua, aquelas que abordavam sua clientela nos becos e ruelas do bairro do Recife e arredores como Santo Antônio e São José. Nas casas de pensões de luxo, as mulheres que vendiam seus serviços sexuais eram sempre bem asseadas. Preocupadas com a beleza estética e também

com a saúde corpórea, sendo as mesmas cobradas pelos proprietários dos estabelecimentos, como podemos ver no depoimento de um amazonense que fez carreira empresarial na vida noturna recifense, o Sr. Jaime Félix no documentário ‘Profissional da Noite’, produzido no ano de 2009, dirigido por Kleber Castro Dibianchi e produzido por Márcio Frias<sup>7</sup>.

Jaime, que além do Chantecler, tinha participação nos lucros dos bares cantantes Escandinávia, Bacaninha Drinks, Silver Star e por ultimo adquirindo o lendário Chantecler, já em seu período de pré-decadência. Ele nos conta no documentário, um pouco do cotidiano do Chantecler, que segundo ele, abrigava 32 mulheres em seu segundo andar, quando o mesmo fora por ele adquirido. O imóvel ainda carregava vários resquícios de um período de apogeu, no qual a suntuosidade e o luxo deste palácio dos desejos eram similares a variados estabelecimentos que floresceram, sobretudo a partir dos anos trinta.

Ainda de acordo com Jaime Felix, estas mulheres ali viviam num regime de pensionato, constituindo assim, uma espécie de vínculo com aquele espaço. Era ali, naqueles quartos acima do segundo pavimento do edifício Chanteclair que residiam e que atendiam seus clientes, que mantinham a sociabilidade umas com as outras, sociabilidade por vezes conflituosa, as levando a embates. Eram pelos corredores deste edifício lendário, que circulavam estas “*ninfas do amor*”, algumas levando consigo seus sonhos, outras abrindo mãos destes, ao cruzarem as portas daquele estabelecimento para ali passar a viver permanentemente.

Mas estas mulheres era o seguinte. Quando eu apanhei a boate, eu sempre era frequentador da zona geral. Lá era mulher de todo lado. Agora são mulher de classe, quer dizer, de classe assim, bem arrumada, mulher que só no cabaré você identificava que era prostituta. (PROFISSIONAL DA NOITE, 2009).

Jaime Felix nos expõe a partir de sua fala, o ambiente de luxo e requinte que era o cabaré Chantecler ainda na década de 1960, lugar onde figuravam mulheres vistosas, perfumadas e com vestidos e trejeitos elegantes, e apesar da fase referida por Jaime Felix, e as práticas da prostituição e atividade noturna já não serem mais tão requintada como nos tempos da *La Belle Époque*, ainda preservava dela algo que a ela se remetia, assim como a nostalgia da boemia, a sedução feminina munida de elegância. Fernando Mendes, dono do bar Gambrinus, cujo estabelecimento, fundado ainda por seu pai nos anos de 1930, e que por muitos anos funcionou no térreo do edifício Chanteclair, em depoimento dado no

---

<sup>7</sup> Profissional da noite: Kleber Castro Dibianchi. Brasil: Márcio Farias/Independente, 2009. 1 DVD (15min). Cor.

documentário Chantecler: A Dama da Noite, nos fala de como eram os hábitos das prostitutas que habitavam e atuavam no cabaré Chantecler. Segundo ele:

As prostitutas daquela época, do meu tempo, até os anos 60, eram mulheres que andavam bem vestidas, perfumadas, usavam vestidos longos, certo, usavam perfume francês, porque cada uma tinha, vamos falar comercialmente falando, tinham os seus clientes. E antigamente o povo ele gos... Ele queria mais, ele num se deitava na cama com uma mulher qualquer, ele queria uma mulher limpa, bem asseada. (RIBEIRO em CHANTECLER... 2000, cap. I).

Jaime Felix nos diz em depoimento já citado, ter feito muito dinheiro no período em que esteve à frente do cabaré Chantecler, o que nos faz afirmar ser a prostituição ainda algo muito lucrativo para quem dela tirava proveito, direta ou indiretamente. Jaime Felix é o típico “*caften*” das décadas anteriores, o masculino da cafetina, o agenciador. Para sobreviver neste ramo, estes “*patrões*” do prazer, mandatários destes estabelecimentos onde nem sempre as relações entre os freqüentadores e os que neles residiam eram assim tão cordiais, deveriam resguardarem-se fazendo alianças com poderosos, autoridades locais ou representantes destas, que por uma boa uma boa quantia de dinheiro, fechavam os olhos para as julgáveis e por vezes até puníveis práticas do lenocínio e outros atos de infração ali cometidos, como o tráfico e o uso de drogas entorpecentes, e mesmo a presença de moças ainda de menor idade atuando como prostitutas. Como se vê em matérias publicadas em manchetes policiais de jornais locais, as brigas ali eram constantes. “As dificuldades com relação à “manutenção da ordem” e moralidade não eram poucas, uma vez que, boa parte dos clientes usuais dos cafés eram justamente guardas, soldados e agentes da polícia” (COUCEIRO, 2007, p. 7).

Parafraseando uma análise relativa à cidade de São Paulo feita por (RAGO, 2008, p. 122) observamos que ela nos diz que “Os cabarés eram tidos como os principais centros de comercialização e difusão das drogas”. De acordo com ela, Orlando Vairo, em seu estudo “Os ‘vícios elegantes’ particularmente em São Paulo, referindo-se obviamente a casas de tolerâncias paulistas conclui que, 80% dos usuários de drogas a freqüentarem estes lugares, nutriam eram cocainófilos e 20% de viciados em drogas como morfina, trivalina, ópio, haxixe, éter, etc. Ainda de acordo com os estudos feitos por Vairo, quase todas as prostitutas eram cocainófilas, e que entre as que residiam em pensões e cabarés, cerca de 95% eram viciadas e recebiam a droga gratuitamente dos fregueses da casa. Os estudos de Orlando Vairo, foram publicados no ano de 1925, período onde ainda estavam em vigência em algumas metrópoles nacionais, alguns costumes que eram marcas da La Belle Époque, e que,

considerando o fato de ter sido o cabaré Chantecler uma casa de tolerância, um cabaré elegante, poderíamos sim, relacionar tais fatos estudado por Vairo a sua própria abordagem histórica, fatos de seu cotidiano ao menos em seu período de apogeu como um centro de diversão noturna essencialmente masculino. Estas renomadas casas de tolerância desde o apogeu deste tipo de negócio, lá por volta dos anos trinta, sempre tentaram passar inclusive através de anúncios emitidos por meio de revistas e jornais, a imagem de locais elegantes, freqüentados por uma fina nata, sedenta em por em prática os novos costumes burgueses.

Para compreendermos a situação dos vícios e atividades ilícitas que permeavam este Recife das décadas de 50 e mesmo início dos anos 60, e que tinham destaque sobretudo em páginas policiais de jornais locais, faz-se necessário voltarmos algumas décadas atrás, adentrar a um recife boêmio, de gostos e costumes aburguesados. Um Recife que assim como outras metrópoles brasileiras, sobretudo cidades portuárias como Santos e Rio de Janeiro, que tentavam a todo custo, europeizar-se em seus costumes, dentre os quais, o uso de substâncias entorpecentes, legalmente proibidas.

Já em relação a cidade do Recife, em trabalho intitulado ‘A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões’, Sylvia Couceiro utilizando-se recortes do Jornal do Recife, um periódico local, nos faz compreender o quanto era importante para estes locais, por vezes tidos como suspeitos, a maneira positiva que com buscavam ser reportados. O Café Chile, por exemplo, sempre estava a anunciar a fina elite, pormenores como a higiene de sua cozinha, salão com música ambiente, iluminado pelo uso da luz elétrica, no entanto o esforço parecia ser inútil, pois vez ou outra figurava o Café Chile nos noticiários policiais, em casos sempre protagonizados por meretrizes ou arruaceiros e viciados em substâncias perigosas.

No entanto, se o anúncio publicado divulgava a imagem de um espaço elegante e *chic*, as colunas policiais mostravam uma outra face do Café Chile. Em 1922, o Café foi envolvido em um escândalo de grandes proporções na cidade, quando o subdelegado do distrito de Santo Antônio descobriu um ponto de venda de cocaína que funcionava na tabacaria do Chile. Segundo as notícias, o subdelegado “apreendeu grande quantidade de frascos de cocaína em poder do estrangeiro Abílio, proprietário da tabacaria do Café Chile, o qual os vendia por bom preço ao meretrício”. Prisões, notas de repúdio, comentários negativos e condenação nas matérias de jornais, colocaram o nome do estabelecimento em destaque nas colunas policiais por alguns dias. (COUCEIRO, 2007, p. 8)

A partir de seu artigo, Couceiro nos relata que, “As mulheres das pensões vivem constantemente sob a ação do tóxico, provocando cenas de escândalo ao lado de rapazes,

muitas vezes pertencentes a distintas famílias e que se desviam para a vida perdida do lupanar”. (Jornal do Recife, 1922, pag. 01). Ainda de acordo com ela, substâncias entorpecentes, como cocaína, morfina, ópio e éter eram encontrados à venda não apenas em cafés e pensões, mas também em farmácias.

É possível afirmar que, este comércio de substâncias tóxicas nas casas de tolerância tivesse o pleno conhecimento dos proprietários destes estabelecimentos, e como denunciavam jornais paulistas, como o Jornal do Comércio em 1921, o envolvimento de agentes ligados a estas casas, como por exemplo, garçons, porteiros, chauffeurs, caftens, cafetinas e mesmo as prostitutas que nelas atuavam. Jovens elegantes, poetas, escritores e artistas, juntavam-se às meretrizes no consumo ilícito de drogas. “As dificuldades com relação à “manutenção da ordem” e moralidade não eram poucas, uma vez que, boa parte dos clientes usuais dos cafés eram justamente guardas, soldados e agentes da polícia.” (COUCEIRO, 2007, p. 7).

No dia 20 de dezembro do ano de 1950 o Jornal Diário da Manhã publicava matéria em sua sessão ‘A Polícia por dentro e por fora’, onde reportava o derrame da “Droga Satânica” sobre os costumes recifenses. O jornal referia-se ao uso da maconha e seu crescente consumo na cidade, que somar-se-ia ao uso de outros entorpecentes como a cocaína e outras substâncias de uso proibido. Ainda de acordo com esta citada matéria, Recife seguia uma tendência quanto a utilização destas substâncias também evidenciada noutros grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, Paris, Nova York. O mercado local tornava-se então um negócio vultoso para os traficantes dado a pouca concorrência, A grande parte destes consumidores de entorpecentes pertenciam à classe alta e média da sociedade recifense. Era um Recife daquele período um “*paraiso*” para os viciados da “*droga satânica*”.

“Como dissemos linhas acima, o Recife adquiriu ultimamente o vício das grandes cidades. Não é que nossa cidade desconhecesse o referido narcótico, porque embora de maneira moderada, acredite se quiser a maconha sempre campeou na capital pernambucana. Acontece, porém, que, de alguns meses para cá, talvez em virtude do agitação político, quando todas as opiniões se voltaram para o pleito, despreocupando-se a polícia, de um certo modo, da segurança social, os traficantes tiveram uma grande oportunidade para elastecer os seus mercados, dantes restritos, e o derrame da maconha não se fez esperar. No baixo meretrício, nas casas de tolerância, e em muitos subúrbios populosos do Recife o seu uso tornou-se abusivo e generalizado. Segundo consta, até mesmo crianças já foram surpreendidas sorvendo o diabólico pó branco”. (DIÁRIO DA MANHÃ, A “Droga Satânica” no Recife, 1950, p. 5).

Como se pode observar nas linhas explicitadas em matéria jornalística dos anos de 1950, crescia entre a sociedade recifense a preocupação em relação ao uso massivo de

entorpecentes cujo comércio como se ver, estava intimamente relacionado às casas de tolerâncias como é o caso do cabaré Chantecler. Casos constantes de violência causadas por indivíduos em estado de embriaguês eram logo associados ao uso das drogas. Nas ruas da zona do cais do porto, espalhavam-se consumidores, em sua maioria freqüentadores dos cabarés, que ali funcionavam, e que, por sua vez, também serviam como uma espécie de entreposto comercial para estas mercadorias ilícitas, fatores que contribuíam para as constantes batidas efetuadas pelos agentes policiais da vigilância de costumes. No intuito a se precaverem destas vistorias e visita indesejáveis de funcionários de órgãos de fiscalização, muitas destas mulheres, sobretudo donas de pensões e cabarés, mantinham romances com autoridades como conta o professor e antigo freqüentador do cabaré Chantecler, Paulo Montezuma em depoimento dado para o documentário Chantecler: ‘A Dama da Noite’. De acordo com (MONTEZUMA em CHANTECLER...2000, cap. I) “Toda mulher daquela um amante, e de preferência eram policiais, pois elas necessitavam de proteção. Ainda de acordo com ele, era difícil você não encontrar um comissário de polícia, um investigador daquele que num tivesse uma amante numa pensão daquela”. Podemos inferir que nestes ambientes redutos da prostituição nas grandes cidades, as infrações existentes eram acobertadas sob os véus de alianças escusas entre proprietários e membros da fiscalização, a representarem o braço do poder do estado.

Nos salões iluminados destas casas de vícios e prazeres, sobressai-se o aroma tóxico dos lança-perfumes e mesmo da maconha. Mulheres e rapazes de todas as idades rodopiavam pelos salões de cabarés como o Chantecler, entregues ao vício que os lançavam em decadente ‘mundo de alucinações’, meio a estes festivos, divertidos e elegantes saraus. Em matéria publicada pelo Diário de Pernambuco, em dois de abril de 1965, podemos constatar um verdadeiro “Rush” travado pela vigilância contra maconheiros e traficantes que comercializavam ou consumiam tais substâncias, valendo salientar que até um determinado período não era utilizada pelas autoridades médicas e policiais a palavra “droga”, mas sim, “tóxico”.

O delegado Estácio Varjal, da Vigilância, determinou ao comissário Anacleto, chefe da seção de costumes, rigoroso e intenso policiamento no combate ao uso e venda da maconha, cujo campo de ação está se alastrando perigosamente. O titular da Vigilância de ordens expressas no sentido de que fôssem localizados e preso todos os traficantes da “erva-maldita”, não devendo escapar também os viciados. Esta determinação foi expedida ontem e desde cedo os policiais designados para tais serviços entraram em ação. A tarde dois flagrantes por tráfico de maconha foram lavrados naquela delegacia. Os autos de prisão em flagrante foram lavrados pelos escrivães

Clóvis Nascimento e Rômulo Ferraz. O primeiro autuou a Joaquim Ferreira Campos, casado, 41 anos, residente à 3.<sup>a</sup> travessa do Cajueiro, 10 – Mustardinha. Êsse indivíduo foi preso pelos investigadores José Maria e Arlindo Couceiro, portando mais de cinco quilos de maconha. Também conduzia vários <fininhos> e alguns <baseados>. É conhecido traficante da <<erva-maldita>>, encarregando-se ainda de conduzir o produto que procede de Alagoas. Quando foi dado a voz de prisão, Joaquim Ferreira ainda tentou subornar o investigador José Maria, com a importância de Cr\$ 20.000, sendo também autuado por crime de tentativa de suborno. O segundo elemento foi autuado pelo escrivão Rômulo Ferraz. Trata-se de conhecido maconheiro José Olímpio da Silva, residente à estrada do Caenga, 135 - Beberibe. Esse elemento foi prêso pelo investigador de menores, Jaime Souza, quando procurava adquirir o produto, na boite Chantecler. Após autuado foi remetido à Casa de Detenção do Recife. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1965, p. 7).

A droga inspirava os amantes, alimentava o saudosismo dos líricos, e meio ao caldeirão das ilusões abocanhava os incautos. Maconheiros e traficantes, entre *putas*, *madames* e *cafetens*, ou “gigolôs” de trejeitos boêmios, a quem os americanos os chamavam de “*hustler*”, nada mais do que exploradores das mundanas, amantes fixos das habitantes das pensões de luxo, amásias em seus leitos em alcovas acortinadas e de meia-luz, por vezes a olharem discretamente o outro lado das vidraças que as separavam da rua já iluminada pelo raiar do dia. Corpos nus, ressacados pelas farras noturnas, farras boêmias, finalizadas por vezes a álcool, paixões ardentes e drogas ilícitas adquiridas ali mesmo, no interior destes elegantes *rendezvous*. A estes centros de diversões noturnas, que abrilhantavam as noites recifenses, também recorriam, além de mulheres “*mundanas*”, moças provenientes das boas famílias, em busca de diversão, boas companhias para farras e também das drogas entorpecentes que neles eram comercializadas.

Referindo a São Paulo dos anos 20 e 30, Rago em seus escritos nos descreve como era a vida destes viciados que freqüentavam a vida noturna paulistana, de acordo com o que ela analisou em matéria de um jornal local veiculado no ano de 1921, hábitos que eram bastante similares aos vivenciados em grandes capitais, como o próprio Recife dos anos 50 e mesmo 60, épocas em que o meretrício despontou em seu apogeu, ao mesmo tempo em que encontrou naquele local, a sua decadência, período onde as atividades relativas ao meretrício obtiveram em meio a esta sociedade, um promissor mercado, fazendo alavancar evidentemente as práticas do consumo das drogas entorpecentes. Sobre a prática do meretrício na cidade de São Paulo, Rago nos diz que:

Como em outras campanhas contra os “vícios” urbanos, completava-se o quadro com a degradação da espécie humana a partir da ingestão dos

tóxicos: jovens sadios e corados acabavam terminando seus dias neurastênicos, com a cabeça pendente, a língua roxa, como um rapaz loiro bastante conhecido da elite, que “lá estava lambendo o ópio que caía da ponta do nojento cachimbo, tendo o semblante desfigurado”. Contudo o pior ficava para a mulher respeitável que se tornava adepta ao vício, terminava seus dias completamente despudorada, totalmente nivelada à meretriz devassa. (RAGO, 2008, p. 123).

A droga citada por matéria de determinado jornal paulista, abordada por Rago, é o ópio, cujo vício sujeitou diversos expoentes de boas famílias naquele estado de São Paulo a estado deplorável e degradante por volta dos anos 20 do século passado, no entanto tais efeitos alucinógenos poderiam ser igualmente referidos ao uso da cocaína e da maconha que tinha seu auge no Recife, por volta de finais dos anos quarenta. Neste período ainda eram as prostitutas, as responsáveis por desencaminhar os jovens de boas famílias ao mundo dos vícios e da degradação, e eram estabelecimentos como o cabaré Chantecler, lugares propício aos vícios e a devassidão. Por detrás das cortinas do *palácio do prazer* habitava também a degradação da juventude, que abria mão da moral em nome de noites perfumadas e belas companhias femininas, propiciada pela zona.

## 2.2 “A casa dos amores e vícios: Um olhar feminino sobre o Chanteclair

No depoimento de algumas “dançarinas” ou “garçonetes” como preferem ser identificadas as mulheres que no passado a tiveram suas vidas ligadas ao Edifício Chanteclair, contrapondo-se ao dos boêmios que ali freqüentavam, podemos perceber uma diversidade de olhares. Adentrando a um Chanteclair já em ruínas, e dando um passeio por seus cômodos vazios e arruinados, a ex-dançarina como prefere se identificar dona Marisa Helena, em entrevista ao documentário CHANTECLER: A Dama da Noite relembra com nostalgia as noites perfumadas daquele outro Recife. Dona Marisa vaga pelos salões e corredores vazios, nos aponta os hábitos e cotidianos do período em que o cabaré Chantecler estava no auge. Nos fala das luzes, da boa música, do gosto das mulheres pelos homens estrangeiros, segundo ela, por pagarem melhor, o que ainda de acordo com ela, gerava atrito entre os freqüentadores brasileiros, por sentirem-se desprezados.

Já na visão de uma outra antiga moradora do Edifício Chanteclair, percebemos a insatisfação de ter ido parar na vida de prostituição, nas alcovas do afamado cabaré:

Eu num gostava de viver nela, eu só vivia nela porque acho que minha mãe num gostava de mim. Eu saí de dentro de casa e vim pra cá. Eu num sabia



fazer nada, também num sei escrever muito, a única coisa, a única opção que eu tinha só era essa. (ROSÁLIA, em CHANTECLER... 2000, cap I).

Rosália conta um pouco de sua história, rememora com uma certa nostalgia os tempos em que atuou no cabaré Chantecler, lugar em que fora lançada pelas desventuras que o destino a impôs. Ela nos conta sobre as amizades que fez, também sobre seus amores, um dos quais, com um certo marinheiro grego, com quem mantivera um romance, romance este, mantido por ela, mesmo que a distância. Rosália, no momento do vídeo, já mãe de três filhos, um adolescente e duas crianças, preparava-se para deixar o Recife, uma cidade de lembranças que a remetia a um passado que segundo ela, não tinha vontade que viesse ser de conhecimento de suas filhas pequenas. Helena, que se identifica como ex-garçonete do cabaré Chantecler, também nos demonstra sua aversão à vida dentro daquele mundo, onde algumas eram forçadas a oferecerem seus corpos como bem de serviço.

Eu cheguei aqui no bairro do Recife, eu tinha uns 17 pra 18 anos, novinha. O primeiro lugar que eu morei foi no Chantecler. Mas eu não me dava com a... Vida, daquele trabalho néh? Do outro lado. Aí o dono do Chantecler, o pessoal que gostava muito de mim, então tinha cinco garçonetes na... Porque lá o movimento era de americanos, de toda a nacionalidade. Aí como eu morava encima, o bar era no segundo andar, aí me escolheram. Disseram: - Helena, você quer ser foguista de todas garçonetes? Aí me interessei, eu digo, melhor néh? Eu num dava mais pra aquela vida, eu sentia que aquilo, aquele espaço não era pra mim... (HELENA em CHANTECLER... 2000, cap. I).

No capítulo a seguir, adentraremos a um Recife de costumes e tendências a transformar-se com o alvorecer da modernidade. A ascensão de uma nova forma de ver e sentir o mundo, as novas sensações provenientes da modernidade, que tiravam dos cabarés de luxo o brilho e exclusividade de sua utilização. O amor agora estava nas ruas, não mais encoberto sob as cortinas de velhos prédios a arruinar-se com a decadência da prostituição naquele formato. Não que a prática do “sexo pago” estivesse a desaparecer, mas, antes estaria a mudar de espaço, a transformar-se. Os velhos cabarés já não eram exclusivos neste ramo.

São estas tendências e transformações que procuraremos abordar no próximo capítulo, sob a égide das memórias de quem vivenciou um período onde o edifício Chanteclair figurou como “A Dama da Noite” no cotidiano boêmio, talvez o mais belo e elegante reduto da prostituição do Recife, vindo a arruinar-se com a decadência no formato deste segmento de mercado, antes recluso as velhas casas de tolerância. É este Recife boêmio em colapso, que abordaremos nas próximas linhas, contado por vezes de forma um tanto “poética” pelos que dele falam com saudade, obviamente, elementos masculinos, que ali atuavam de passagem,

visão diferente, nas falas das mulheres que ali forçosamente atuaram, fazendo dali à única opção a lhes restarem. Esperamos que o leitor deleite-se numa forma analítico-comparativa a respeito destes dois momentos, que classificamos como o apogeu e decadência da prostituição de luxo na zona do cais, do velho Recife.

## CAPÍTULO 3

### RUÍNAS DA PROSTITUIÇÃO

#### 3.1 O amor está nas ruas...

O alvorecer dos anos de 1960, e o avanço das mudanças nos costumes, muito influenciariam em certos hábitos adquiridos pela nova burguesia pernambucana, sobretudo a partir da primeira década do século XX, já davam sinais de mudanças. Na Europa, Estados Unidos e mesmo no Brasil, as mulheres uniam-se em movimentos seja nas ruas ou no campo do intelecto, em prol de maior liberdade para se expressarem, sobretudo em relação a questões ligadas a sexualidade. Ganhava espaço um a espécie de feminismo libertário contrário a discriminação sexual e ao veto ao prazer, a tanto em vigor sobretudo em sociedades cuja herança colonial ainda era visível e sentida, em cada corpo reprimido, em cada desejo esvaziado pela culpa e pelo medo pregado nos púlpitos e nas tribunas.

A contracultura, a revolução sexual e o início da emancipação feminina para além dos direitos políticos acabaram levando a um questionamento dos valores e dos padrões comportamentais tradicionais. Os diversos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970 produziram mudanças radicais que afrouxaram os códigos morais, levando a uma libertação feminina que encorajou uma relação mais livre e consciente com o corpo e com o desejo sexual. (LAROCCA, 2014, p. 40).

No que se relaciona a temática da sexualidade, as mulheres agora nutriam algo que as punham de encontro com um senso de maior independência. Não mais o sentimento de vergonha e pecado que as acometia em décadas passadas. As décadas de 60 e 70 foram marcadas por experiências de liberação e quebra de preconceitos e tabus. Aflorava então, um novo tempo marcado pela ruptura das barreiras dos preconceitos, regado aos novos padrões de comportamentos e atitudes sexo afetivos, mais espontâneos, e plurais. As mulheres agora buscavam conquistar o exercício de sua sexualidade para além dos princípios de reprodutividade antes pregados, sobretudo pelas doutrinas médicas lombrosianas. Dava-se a partir de então, vazão aos desejos, aos prazeres do corpo, surgindo assim relações menos compromissadas no que tange ao casamento higiênico, tão difundido nos discursos de defensores dos “bons costumes”, sobretudo a partir da segunda metade do XIX.

No Recife, como sendo um dos importantes entrepostos comerciais devido ao fluxo de suas atividades portuárias, tais ideais seriam evidentemente plantados, e rapidamente dariam frutos. Uma Cidade que em algumas décadas não tão longínqua já havia

experimentado algumas teorias libertárias presentes nas idéias de mulheres como Edwiges de Sá, Martha Hollanda com a sua Cruzada Feminista Brasileira, assim como da advogada, poetisa e escritora Ida Souto Uchôa (Facundes, 2018, p. 40), através da qual podemos concluir que, apesar do patriarcalismo presente nesta sociedade, as mulheres conseguiram criar espaços para que se difundissem idéias ligadas ao feminismo, muito embora não possamos comparar tais ideais por estas mulheres defendidas e difundidas nos anos 1930 e 1940, com o que se era, ou passaria a ser defendido nas décadas de 1960 e 1970 a partir dos ideais da revolução sexual.

A partir dos anos 60, os hábitos burgueses e romanceados, dos passeios contemplativos pelo velho Recife, enfeitado por seus cabarés e *boulevards* entrariam em decadência levando consigo velhos hábitos como a presença tranqüila em banquinhos dos cafés concertos e confeitarias, hábitos estes que como cita o memorialista Rostand Paraíso, eram provenientes de saudosas épocas, tempos imorredouros, que deixavam saudades.

Eu lembraria ainda, no século que findou, os tempos inesquecíveis do Café Lafayette, do *footing* da Rua Nova, da Pracinha do Diário. Das muitas pensões estudantis, espalhadas pelos bairros da Boa Vista. Do cinema São Luiz, das matinais domingueiras do Moderno, das matinês do Art-Palácio e do Trianon. Do sorvete do Gemba, da Botijinha, e, também, da Sertã. Da Festa da Mocidade e do seu teatro ‘rebolado’, com as famosas vedetes do sul do país. Dos sorvetes dançantes de nossos clubes e dos assustados nas casas de família. Do Carnaval do Internacional, do São João do Português, do Baile dos Casados do Atlético, das manhãs-de-sol do Sport, do *reveillon* do Country. Dos banhos de mar medicinais. Da peixada do Maxime. Tempos dos ingleses, dos seus bondes e trens e do telégrafo com o cabo submarino. Dos ônibus da Pernambuco Autoviária. Dos americanos no Recife, do blecaute, da *zona* do bairro do Recife. Do bar Savoy. (PARAÍSO, 2007, p. 24).

Os escritos de Rostand Paraíso fazem alusão a um Recife que aos poucos ia desaparecendo. Este Recife, de belas mulheres nas sacadas dos casarões afrancesados. O Recife das “*damas da noite*” descritas pelo Ascenso em seus ensaios e poesias. O tempo fora cruel com uma das áreas mais boêmias da cidade. Em estudo publicado no ano de 2010 pelo Centro de Estudos Avançados de Conservação Integrada – CECI podemos constatar que nos anos 70, o bairro do Recife, região portuária da cidade, iniciou um processo de decadência tornando-se mais tarde bastante visível, devido ao estado de degradação constatado a partir do patrimônio arquitetônico. Uma degradação espacial, física e humana, o que fizera com que atividades marginais ganhassem espaço naquela área. Mesmo o porto, que desde o início da ocupação naquela região, era responsável pelo movimento intenso das atividades naquele

espaço, agora dava sinal de desaquecimento, algo que viria a piorar com a ascensão do polo portuário de Suape.

### 3.2 O doce e amargo adeus de um Recife boêmio

Já em meados da década de 1960, o antes promissor mercado da prostituição na zona do Cais do Porto já apresentava claros sinais de esgotamento. Obviamente algumas afamadas casas de diversões noturnas ainda conseguiam manter-se em funcionamento ainda carregada de certos resquícios de um passado elegante, dentre as quais a “*boite*” Chantecler, muito embora já tivesse perdido boa parte da essência de um cabaré elegante comum nos anos 30. Em seus salões já não se viam as elegantes francesas. Do charme atribuído a França, restara apenas às perfumarias ainda usadas pelas “moças” da casa, estas criaturas daqui mesmo, dos subúrbios e bairros pobres, e mesmo provenientes de municípios interioranos que aqui chegavam na busca por melhores condições de vida, e que por algum motivo ou deslize eram atraídas para a “vida”, e assim terminavam num dos quartos do cabaré Chantecler, e a servirem em salões como inspiração líricas para poetas que ali freqüentavam. Poetas que referiam-se a zona como um receptáculo do lirismo, símbolo de uma boêmia que agora desaparecia lentamente. A este local se refere Rostand:

Ao discorrer sobre o bairro do Recife, cita a Igreja da Madre de Deus, onde “ (...) essas meninhas de Maria Madalena/vão à missa e à novena (...)”. Ainda no mesmo bairro, era encontrada a “(...) ex-austera / Associação Comercial / ... a sempre fútil Câmara Municipal (...)”, todos no mesmo prédio, em cujo terceiro andar “ (...) está a alegre pensão/da Alzira, a viga / mestra da prostituição (...)”. Ao falar sobre os armazéns de secos e molhados, observa que os seus proprietários são (...) brasileiros sabidos /portugueses sabidões / que na vida leram menos que cego de camões (...). (PARAÍSO, 2007, p. 16).

A zona evocava um sentimento nostálgico, dos intelectuais, gente importante e do povo que a freqüentava. Era o ambiente de confraternização, de sentar nas mesinhas de calçadas e contemplando a paisagem se fazer “poesias e guardanapos”. Local onde o sagrado contrastava-se ao profano. Onde as “*meninhas de Madalena*” à noite rodopiavam em salões lotados, nas madrugadas entregavam-se as paixões, mas que as manhãs ou à tarde, iam às missas, participavam das novenas, acompanhavam as procissões e certamente das janelas contemplavam piedosamente a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos a por ali passar sob cânticos piedosos, rumando a Madre de Deus a cada período quaresmal. No âmbito de sua

religiosidade e apego ao catolicismo, foram as “*senhoritas*” que habitavam o cabaré Chantecler, as primeiras a alarmarem sobre um incêndio destrutivo que ameaçou apagar para sempre, o majestoso templo da Madre de Deus, um dos resquícios da passagem da Ordem da Congregação do Oratório de São Felipe de Néri no Brasil.

Na tarde de 21 de maio de 1971, uma sexta-feira, a Igreja da Madre de em Recife, estava profundamente iluminada para um casamento. Por volta das 15h, a rede elétrica não suportou os excessos da decoração casamenteira. Entrou em curto e provocou um incêndio. O fogo calcinou boa parte da capela-mor. As labaredas também alcançaram o teto que cobria aquela área da igreja e o fez desabar. Para completar o quadro de desolação, os olhos de vidros dos muitos anjos barrocos esculpidos no altar estilhaçaram-se com o calor. As imagens, várias delas chamuscadas, ficaram com as órbitas vazias por mais de 30 anos. (FURTADO, 2007, p. 13).

Notícias dos jornais locais mediante o incêndio que vitimou a Igreja da Madre de Deus ascendiam à questão da decadência que se encontrava o bairro do Recife naquele ano de 1971, período ao qual as atividades portuárias diminuía e todas as demais atividades que orbitavam ao redor das atividades portuárias colapsavam, dentre as quais a prostituição de luxo. Podemos assim dizer que as renomadas casas de diversão noturna, os chamados cabarés já não desfrutavam mais de seus primitivos lucros quando no período de apogeu que se deu lá por volta de finais dos anos 30. Todo o esplendor característico daquela localidade agora se arruinava com os seus prédios que decaíam com o passar dos anos. Até então um fato curioso permeava em torno do incidente que vitimara a Igreja da Madre de Deus, tido por alguns como realidade e por outros como parte de um tipo de “*lenda urbana*” incrustada na mentalidade popular. O fato refere-se ao curioso evento no qual foram as “*prostitutas*” do cabaré Chantecler, este já em estado de semi-decadência salvaram boa parte do acervo histórico da Igreja da Madre de Deus, Matriz sede da Paróquia de São Pedro Gonçalves, a primeira do Recife, podemos constatar como se deu este tão curioso fato tendo como base uma publicação sobre o restauro da Igreja feita pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde é dito que:

A leitura de jornais reavivou outro pormenor há muito esquecido do incidente. Em 1971, aquela área do Recife antigo estava em decadência. Era zona de prostituição. As mulheres que ocupavam o Edifício Chantecler, nas proximidades da Madre de Deus, foram as primeiras a acudir assim que souo o alarme de incêndio. Afinal também eram devotas e compareciam às missas dominicais. Por isso desceram vezes sem conta as escadarias do Chantecler com poucos recursos de que dispunham para combater as chamas: baldes e panelas cheias d’água. Ao mesmo tempo, cuidaram de salvar grande parte do

precioso acervo móvel da igreja, constituído pela estatuaria e muitos objetos utilizados nos cultos. (FURTADO, 2007, p. 42).

Quanta história teria o formoso edifício a nos contar. Histórias de diversão, também de sofrimentos, sorrisos e também humilhações ali sofridas. Quantos episódios importantes na história republicana do Recife, aquele velho prédio não assistira a partir de intensos debates entre intelectuais e políticos que a ele freqüentavam como nos fala Fernando Mendes. No deparamos com um Recife boêmio e deslumbrante que já nos meados da década de 60, já dava sinais de desgaste e juntamente a seu acervo patrimonial já demonstrava uma decadência que se seguiria em anos que viriam. Assim toda a “zona” assistia o esvair-se de seus freqüentadores e freqüentadoras, seres de inefáveis lirismo e boemia, apreciadores da poesia e também da boa música típica daquele período de grandes interpretes e compositores da música romântica nacional. O Chanteclair arregimentava esses saudosos e a eles os servia como templo do “*lirismo saudosista*”. Era o “*point chique*” em que figurões da boa sociedade fazia questão de freqüentar, nem sempre ali buscando a prostituição em si, como nos demonstra matéria veiculada pelo Sistema Jornal do Commercio através de conteúdo publicado online, poucos anos antes do fechamento do Edifício Chanteclair para início de sua reforma.

No primeiro andar do prédio da Santa Casa de Misericórdia, no edifício de frente para o rio, foi instalada a boate Chantecler, com som ao vivo e luzes piscando. No pavimento superior ficava a pensão Rendez-vous, onde as mulheres divertiam os clientes. Freqüentada pelos boêmios e pela alta sociedade, a boate Chantecler já foi palco de desfile de modas e recebeu cantores como Néelson Gonçalves, Agnaldo Timóteo e Cauby Peixoto, como recorda Fernando Ribeiro, proprietário do Bar Gambrinus, o mais antigo em funcionamento do Recife. (JCONLINE. Recife, 1998).

Surgia lá pela década de 60 uma nova forma de se pensar e também de se agir. Os prazeres da noite, já não habitavam exclusivamente os velhos e saudosos lupanares. O cabaré Chantecler, assim como outros estabelecimentos similares agora viam desaparecer sua clientela e com isso a lucratividade que girava em torno deste “mercado dos prazeres”, tão comum nesta área do Recife. O prazer agora estava nas ruas, na “casa das namoradas” ou no “AP” de um colega. O Recife de amantes e serenatas de “pau e corda” se liquefazia e ia escorrendo através do tempo, assim como as águas do Capibaribe escorriam e lá se ia desaparecer ao serem abraçadas pelo mar. Novos tempos iam alvorecendo e mudando pensamentos e comportamentos. A juventude nas grandes cidades libertava-se de velhos padrões e dava vazão a seus desejos agora de forma mais liberal. Eram os tempos do “Amor

Livre”, do “*rock’and’roll*”; do americanismo “*hippie*”; da pornografia no cinema, dos romances picantes nas cenas das telenovelas na TV, que influenciavam a partir de então os costumes nas grandes metrópoles e polos urbanos. O Brasil vivenciava um período de ebulição que antecederia o Golpe e posteriormente a Ditadura.

"Se as paredes e as escadas desse prédio falassem, tinham muita história para contar, aqui funcionavam altares de depravação sexual, e agora os políticos querem endeusar o prédio", diz Fernando Ribeiro. Já na década de 60, a boate Black Tie instalou-se no mesmo conjunto, na outra extremidade do prédio, de frente para a Rua Madre de Deus, onde ficou até 1975. Os outros compartimentos eram pensões (Rex, Night and Day, de Dona Mariazinha) para as prostitutas. O bairro boêmio e o baixo meretrício entraram em decadência na década de 70. (JCOLINE. Recife, 1998).

Mesmo perante o avanço da degradação que se perpetrava sobre os monumentos do velho Recife, os fazendo decair e alguns até desaparecerem como é o caso do antigo prédio que abrigou o cabaré *Moulin Rouge*, ainda era belo o Chantecler, e bem apresentáveis aquelas que o habitavam, como podemos constatar em relatos citados no trabalho *Ruínas da Prostituição do Recife: História do Chantecler* de autoria de Eptácio Nunes de Souza Neto:

O jornal Boca da Rua (2002) registrou uma das melhores passagens históricas da cidade, quando em 1968, em visita ao Recife, a Rainha da Inglaterra ao ver centenas de mulheres nas janelas, acenou para as mesmas acreditando estar sendo homenageada. “Quando a rainha passou, ela acenava para o alto... acenava para as meninas, sem saber que eram as putas e que sempre ocuparam os casarios antigos do bairro”. (SOUZA NETO, 2016, p. 6).

É evidente, que a rainha da Inglaterra Elizabeth II, ao passar pela Avenida Marquês de Olinda, acompanhada pelo príncipe Philip, num cortejo rumo ao Palácio do Governo onde teria com o Governador Nilo Coelho e outras autoridades presentes, achou-se tratar o Edifício de um imponente palácio habitado por uma “boa família” local, dada a elegância daquelas mulheres bem vestidas que a ela acenavam daquele gracioso prédio, belo e imponente em seu traçado, mas que caminhava a passos largos para a ruína.

A passagem da rainha Elizabeth II, pelo Recife em 1968, já tivera como um cenário um Recife que começava a modificar-se em seus hábitos e costumes. Grandes mudanças já começavam a afetar os gostos e modos de vida nesta sociedade que até então carregava resquícios dos hábitos patriarcais que sobre ela deixara marcas profundas desde as épocas coloniais. Era agora a época das telenovelas, dos novos gostos. Nos hábitos amorosos, os



jovens podiam agora passar mais tempo juntos, baixando a guarda dos pais sobre o namoro assistido que tanto marcou as antigas gerações.

No cinema, filmes de romance americanos seduziam os Recifes nas matinês dos tradicionais cinemas da cidade, mais meio a este cenário de ascensão cinematográfica, um gênero em especial ganhava destaque, este genuinamente brasileiro, era o da pornochanchada, uma espécie de comédia em sua maioria produzida a baixos orçamentos e com linguagem de fácil compreensão, voltada, sobretudo ao público masculino, em sua maioria de baixa renda. Eram estas rasas produções, responsáveis por angariar um público novo, que se identificavam com as aventuras sexuais apresentadas nas telas dos cinemas.

As pornochanchadas invadiram o mercado de modo ubíquo e se caracterizaram por serem produzidas em série, no mais literal sentido da palavra industrial. Eram levemente eróticas, sem sexo explícito, derivadas das chanchadas (porcaria em espanhol paraguaio) e indiretamente do Teatro de Revista. Apesar de terem baixíssimo custo, eram altamente lucrativas. De acordo com seus defensores, contribuíram para ‘deselitizar’ o cinema brasileiro, levando as classes C, D e E às salas de projeção. Pelos críticos de arte é considerada decadente e de qualidade inferior à velha chanchada musical (FREITAS, 2004, p. 08).

Chegava ao Recife, a então “revolução sexual”, juntamente a medicina de combate à sífilis com seus meios de tratamento. Fazer sexo agora se tornava algo “seguro”. Víamos agora uma juventude livre da sífilis e ainda longe da AIDS, disposta a experimentar as novas sensações. Com os estrangeiros e turistas do sul, aportava por aqui o rock’and’rool, com suas letras rebeldes, despertando entre os jovens, com suas batidas pesadas, sonoridade cadente, assim como com suas letras de protestos atitudes questionadoras sobre a autoridade dos adultos e também a despertarem sensações erotizantes. (PRIORI, Mary Del, 2005, p. 30) nos diz que “Nas capitais e nos meios estudantis, os jovens vão escapando às malhas apertadas das redes familiares”. Aos olhos da Igreja, a sexualidade ainda era tida como um pecado, o que não impedia à nova geração a adesão aos novos hábitos.

Entre os casais, sob influência de alguns hábitos popularizados após a já citada revolução sexual, o excesso de pudor já não era algo tão presente ao ponto de os privar de sensações antes somente experimentada pelos homens num quarto de um bordel junto a uma prostituta através do “sexo pago”, onde estes colocavam em prática tudo aquilo que evitava com suas companheiras matrimoniais, as *mulheres para casar*.

Carícias generalizavam-se e o beijo mais profundo – o beijo de língua ou french Kiss - antes escandaloso e mesmo considerado um atentado ao pudor

passava a ser sinônimo de paixão. Na cama, novidades. A sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, estende-se a outras partes do corpo. Esse fica inteiro à mercê dos lábios. As preliminares tornam-se mais longas. As sucções mais profundas. (PRIORI, Mary Del, 2005, p. 302).

Entre os casais, sejam ligados pelo matrimônio, e mesmo os jovens namorados já não havia o pudor da nudez do corpo. Na moda, as moças ousavam trajar modelos de vestimentas encurtados, a minissaia desnudava os corpos, deixando a exposição o que antes era ocultado pelas convenções e costumes. Para (PRIORI, Mary Del, 2005, p. 302) era o início do fim de amores que tinham que parar no último estágio: “quero casar virgem”! Deixava-se para trás a “meia-vingem”, aquela na qual as carícias sexuais acabavam “na portinha”. Meio a esta sociedade em transformação, as mulheres passavam a desobedecer a normas parentais e familiares. Em alguns casos o prazer já não era visto por estas como algo pecaminoso e indigno, seja numa festinha na casa de uma amiga solteira, num apartamento de um motel ou no banco de um veículo, o sexo agora se popularizara entre os casais de namorados. Entre os rapazes já não era necessário buscar na zona o “*amor pago*”, afinal, o prazer estava agora a seu alcance. No entanto sobre estas afirmações expressadas por Priori, faz-se válido salientar que tratamos de uma geração ainda carregada de temores e preconceitos. Geração criada sobre a égide dos discursos de pais criados sob uma outra perspectiva de visão. Alguns casos, como no Recife, cidade ainda carregada de preceitos patriarcais, onde a religião católica ainda se impunha como forte elemento a fazer frente a estes novos hábitos, estas transformações se dariam de forma lenta, a arrastar-se por quase toda a década de 1970 e mesmo nos anos de 1980.

Em meio a este processo de transformação da sociedade, velhos costumes iam caindo em desuso e caminhando a ruína. Um processo de mudanças que ia fazendo entrar em degradação o “comercio dos prazeres” que movimentava a zona portuária do Recife desde épocas longínquas e que tivera seu apogeu, sobretudo a partir dos finais os anos 30, com o aumento de atividades comerciais e indústrias assim como a eminência de uma guerra mundial, e devido a isto, o aumento da passagem de estrangeiros pela cidade. Agora, já nos de 1960 com a “revolução sexual” ia fazendo com que antigos hábitos fossem desaparecendo. A boêmia dos cabarés já não seduzia, o prazer agora estava fora dali e de fácil acesso. A “mocinha” de família já não necessitava de seus “*anjos da guarda*” a salvarem suas honras do ímpeto e apetite sexual do mancebo apaixonado, como nos diz Fernando Ribeiro no ano de 1999, em depoimento feito para o filme CHANTECLER: A Dama da Noite.

Mas eu sempre achei as prostitutas de anjos da guarda das moças donzelas. Isto vamos dizer assim, até os anos... final dos anos 60. Que hoje em dia se você dizer que uma moça é donzela você tá insultando. Que hoje num tem mais donzela. Hoje a mocinha namora com o namoradinho, daqui a pouco ele não precisa sair pra procurar zona nem prostituta não, que ele já tá com a namoradinha, quando ver a namoradinha já tá com a barriguinha grande. (RIBEIRO em CHANTECLER... 2000, cap. I).

A escassez de clientes afetava o mercado do sexo no bairro do Recife, o prazer pago já não tinha importância que detinha num passado nem tão recente na história desta cidade. As histórias destas práticas noturnas, vão passando a existir apenas na memória de seus antigos frequentadores como o artista plástico Humberto Tenório, que em documentário feito sobre o edifício Chanteclair, lançado no ano 2000, nos explica através de suas memórias, como era o cotidiano no interior do velho prédio. Já o boêmio Toinho Pedrosa, em depoimento dado para o mesmo documentário, referente à história do edifício Chanteclair e sua utilização como um local voltado as práticas dos prazeres noturnos, nos dando uma idéia das transformações das quais a sociedade passou, e nos faz ver como esta sociedade passou a lidar com os novos hábitos propagados e difundidos após a ‘revolução sexual’ e suas modernidades.

Eu tenho uma saudade enorme do fruto proibido. Então ficava torcendo para eu, eu despir as mulheres, elas estavam todas elegantes, muito bem vestidas, e o grande prazer era despi-las. Hoje eu já, já. Elas já aparecem despidas, eu num sei [riso] Eu acho que perdi o prazer de despi-las, eu não sei, se ver já chegar tudo pronto, tudo já, entendeu. É a era do micro-ondas, já chega “fest-food”, neh, a mulher é “fest-food”, você bota ela no micro-ondas e come. (PEDROSA em CHANTECLER... 2000, cap I).

Neste mesmo documentário Toinho Pedrosa, boêmio filho do antigo proprietário do edifício situado a Marquês de Olinda, vizinho ao Chanteclair, edifício demolido, onde no passado funcionara o cabaré *Moulin Rouge*. Ele nos conta das dificuldades que tinha um velho português, locatário do imóvel para saldar as dívidas com aluguel e funcionamento do estabelecimento. O *Moulin Rouge* desapareceu, como desaparecera outros similares. Elegantes pensões como a de “*Maria Maga*” transformaram-se em estabelecimentos de aluguéis baratos de quartos, agora voltado ao baixo meretrício. Destino igual teria o Edifício Chanteclair. O “*lugar de luz*” assistiria seu declínio. Sem condições para mantê-lo, seus locatários eram obrigados a ver o velho e belo edifício ruir aos poucos. Recife dava adeus aos seus cabarés, e a prostituição passou a tomar novos rumos. A respeito deste processo

de ruína ao qual caiu não apenas o Chanteclair, mas todos os espaços de prostituição no bairro do Recife, Fernando Mendes, proprietário do bar Gambrinus nos conta que:

O Chanteclair, como eu já lhe disse, foi o último reduto de prostituição legal, o último reduto realmente grande de prostituição a fechar no bairro do Recife. Havia pensões por aqui famosas que se acabaram, como a de Maria Magra, de Amelinha, e se acabaram, então ficou um reduto das piores prostitutas que haviam. (RIBEIRO em CHANTECLER... 2000, cap I).

Mendes revivendo suas memórias a respeito do Edifício Chanteclair nos conta de momentos descontraídos entre seu pai e o poeta Ascenso Ferreira, nos fala dos grandes figurões que freqüentaram o cabaré. Para Mendes, dois fatos deram vida ao bairro do Recife em sua juventude, as atividades portuárias e a prostituição de luxo. Os velhos cabarés que atraíam os homens e rapazes da boa sociedade. Sem dúvida, o *cabaré Chantecler* fez parte da vida de muitas mulheres e homens da sociedade pernambucana, num período onde segundo Motezuma, havia nesta sociedade um costume que predominava.

Neste trabalho, nos propomos a circular em apenas um destes mundos, evidentemente no das “*profissionais do sexo*”. Mulheres que por ironia do destino, e muitas vezes pela necessidade em sobreviver numa sociedade de preconceitos e de oportunidades negadas, acabavam adentrando as portas do suntuoso prédio ou simplesmente “*caindo na vida*”. Uma vida de cores, de luxo, de amores. Vida que nem sempre era de felicidades como se demonstrava nas glamorosas noites regada a vinho, cerveja e champanhe, num cotidiano marcado pelo estigma do preconceito e do risco. Reconstruir a história destes “*anjos da guarda*” das moças donzelas, destas *musas* que inspiravam poetas freqüentadores do Chanteclair como Ascenso Ferreira. Trazer a tona os pormenores que marcaram a história desta casa de vícios. O Chanteclair, último reduto da prostituição, dos amores muitas vezes pagos com dólares, de marinheiros estrangeiros que ali afogaram-se nas alcovas de meninas as vezes recém saídas da infância. Do Chanteclair sempre iluminado e festivo como nos conta em depoimento ao documentário Chantecler: A Dama da Noite, o advogado e boêmio Bosco Tenório, cuja juventude fora marcada pela sua presença entre as paredes do lendário edifício, hoje silencioso e esquecido.

O que é que eu encontrei, encontrei jogos de luzes coloridas, música alta de orquestra. O acesso em pôr a mão em mulheres adultas, mas velhas que eu, na faixa de 20, 18 a 25 anos de idade, e que para mim aquilo era o máximo, era o êxtase. Tinha bebida, cerveja que eu gostava, dose de rum que eu gostava, música que gostava de ouvir. Nunca fui um dançarino fanático, mas

lá eu dançava, fazia parte do jogo. (TENÓRIO em CHANTECLER... 2000, cap. I).

Falar do Edifício Chanteclair é falar de mundos diversos, de homens e mulheres, nem *santos* nem *pecadores*. É falar do profano como inquilino do sagrado, oras o *meretrício* era inquilino da Santa Casa de Misericórdia, uma Irmandade de leigos ligada a Igreja Católica, proprietária do imóvel que segundo (VIEIRA, 2011) apresenta uma curiosa constituição: São seis células habitacionais de três pavimentos mais o térreo, ocupando todo um quarteirão, com uma única fachada de estilo eclético. É válido dizer que o cabaré Chantecler ocupava todo o lado oeste da construção de 106 janelas, prédio com ares palacianos que em 1968 chamou atenção da rainha da Inglaterra. Edifício hoje tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, cuja origem de sua ocupação tivera finalidade residencial.

A ocupação inicial era prioritariamente residencial, nos três andares superiores, e comercial no térreo – provavelmente formada por escritórios e armazéns comerciais. O prédio só adotou o nome que tem hoje nos anos 40, no período da Segunda Guerra, de acordo com o historiador e jornalista Leonardo Dantas Silva, quando ali passou a funcionar a boate *Chantecler* – na escrita regional. Nesses tempos o bairro do Recife recebia não só os militares ávidos por diversão, mas os ricos boêmios da capital recifense a então principal cidade do Nordeste. (VIEIRA, 2011, p. 39).

Quisemos por através desta pesquisa, mostrar os hábitos de uma cidade que importava de outros países, traços de suas culturas, sabores, gostos e desejos. O edifício Chanteclair é um marco desta cidade burguesa, uma herança de seu passado, e que mais tarde viu também ascender uma nova classe média urbana, com seus costumes e hábitos. Chanteclair, um ambiente de luzes, regalos e prazeres, luxo e extravagância, presente nas lembranças rememorado pelos saudosos, que trazem a tona o brilho que se refletia sobre uma cidade boêmia, onde mesmo as prostitutas carregam em si traços requintado, devido ao porte fino, elegância e intelecto do que por suas vestes e costumes importados, afinal, estamos a falar de mulheres do mundo, mulheres que mantinham contato com o mundo em suas diversas culturas e costumes. Mulheres que hoje, talvez numa roda espontânea de conversas de bar, nem sempre pudesse apenas nos expor um mundo alegre, como era para alguns, estas noites perfumadas deste Recife presente apenas nas memórias, expressas em seus vários monumentos hoje tão calados, uma urbe silenciosa como barco naufragado sob as águas de seus rios, a correrem abaixo de suas pontes históricas, e guardiãs de suas memórias. Talvez

estas mulheres nos contassem de um Recife avesso aos risos embriagados, de um Recife lamentado em um leito vazio, de uma sina imposta, jamais aceita. Mulheres a lamentar em lençóis molhados de suor e de sexo, uma vida que não escolheram, mas que a elas lhes fora imposta. Poder-se-ia ter sido diferente? Só elas podem saber e talvez nem mesmo elas tenham mais esta resposta.

Recife possuía nas décadas de 40 a 60, figuras das mais interessantes, que, de uma ou outra forma sobressaíam da multidão anônima e davam à nossa cidade uma característica toda especial. Sem qualquer ordem previamente programada e obedecendo única e exclusivamente aos impulsos da minha memória – nem sempre evidentemente, perfeitos ou completos. (PARAÍSO, 2001, p. 48).

Desta cidade de prazeres noturnos, personagens vão surgindo. De um Chanteclair hoje fechado, nomes voltaram a ressurgir nestas poucas linhas, a se fazerem novamente presentes, a reluzir a memória do leitor curioso interessado, a que delas tenha feito uso. Propomo-nos a falar de um edifício Chanteclair freqüentado pelas diversas gentes, tanto as que dele faziam residência, como os que ali iam à busca por prazeres e a satisfazerem seus apetites sexuais, ou mesmo na busca de uma boa companhia para conversas agradáveis, pois nem sempre era o sexo o foco principal daqueles “*footing's*” tardios a zona. Chanteclair, conjunto, formado por sete imóveis unidos por uma única fachada ao mais rebuscado estilo eclético, construído no início do século.

Se as paredes e as escadas desse prédio falassem, tinham muita história para contar, aqui funcionavam altares de depravação sexual, e agora os políticos querem endeusar o prédio", diz Fernando Ribeiro. Já na década de 60, a boate Black Tie instalou-se no mesmo conjunto, na outra extremidade do prédio, de frente para a Rua Madre de Deus, onde ficou até 1975. Os outros compartimentos eram pensões (Rex, Night and Day, de Dona Mariazinha) para as prostitutas. O bairro boêmio e o baixo meretrício entraram em decadência na década de 70. (RIBEIRO in Jornal do Commercio - Recife, 31 de maio de 1998).

Recife que mesmo nos dias atuais carrega resquício de um pedaço de um passado que saudosos boêmios fazem questão em não esquecer, e outras preferem apagar da memória. Era neste Recife boêmio que se exibiam as meninas do *cabaré Chantecler*, que surgiam amores dos mais inusitados, afinal, que jovem no passado nunca morreu de amores por uma daquelas mulheres damas? Um Recife onde figuras anônimas (ou não) revivem tempos áureos de uma outra época, com seus costumes, alguns até que já desapareceram com o tempo. Em

seus escritos o memorialista pernambucano Geraldo Pereira, nos seduz em suas crônicas a uma visita a este Recife esquecido, que hoje só existe nas memórias de quem o vivenciou, que nele bebeu, adentrou a suas entranhas, frequentou sua zona, com as suas noitadas animadas em locais como o velho Edifício Chanteclair.

Em mureta de contorno de prédio construído em dias da modernidade já, no Bairro do Recife, onde tudo remete ao passado, a velha prostituta fiava conversa com parceiro igualmente antigo, revivendo outros tempos. De cabelos ralos e louros, às custas da milagrosa água que doura o piloso manto feminino, dando graça às moçoilas em flor, vestiu-se com o melhor do que dispunha e se cobriu com longo casaco de frio, prevenindo-se do malfadado vento encanado, nascido nas entranhas do porto. E com uma toalha muito usada de se enxugar no banho recobriu as pernas, isolando-se dessa forma do mundo todo. Tinha a pele vincada pelas marcas dos caminhos e dos descaminhos, sulcos dos espinhos sem a trajetória dos ganhos. Mesmo assim recebeu o senhor de tez negra, vindo por certo das periferias urbanas para aquele centro citadino, recuperado graças às interveniências do alcaide, acolhendo-o na sala de visitas do recanto, um canto de muitos encantos. Viajaram no tempo, em busca das histórias vividas e revividas naquele instante mágico do reencontro, aprazado às vésperas, para que fossem recuperadas, na distância dos anos passados, vivências e convivências a dois, na alegria sepultada agora em tumba das saudades. Lembravam de tudo, das ambiências e dos amores, das músicas e das dores, dos afetos e dos desafetos, de afagos até, nascidos no embrionar dos sentimentos, ao som da música lenta ou dos acordes de um tango qualquer. (PEREIRA, 2008, p. 63).

Finalizando esta pesquisa, frisamos que, não é um trabalho que teve como objetivo falar sobre conceito e práticas históricas teóricas da prostituição ao longo do tempo tampouco no período cronológico nela abordado, embora em determinado momento citamos alguns fatos marcantes desta prática ao longo da história. Dispusemo-nos a trazer até onde nos fora possível, relatos de uma vivência de homens e mulheres que tiveram num determinado momento de suas existências, suas histórias entrelaçadas com do lendário edifício Chanteclair, este sim, o foco principal deste trabalho. Ao leitor/a que se dispuser beber desta escrita, aconselhamos deixar a boemia afluir em seus sentimentos, sem deixar de lado, a realidade triste, daquelas que quase prisioneiras, vagavam nos imponentes palácios dos prazeres, e no final o que se espera é que este/a leitor/a possa hoje, ao vagar descomprometido pelo bairro do Recife, contemplá-lo não com um olhar presente, mas voltado a um passado onde eram florescentes os antigos cabarés, animados pelos risos e também entristecidos pelas lágrimas.

Que lá ele possa voltar seus olhos ao Edifício Chanteclair e poeticamente perceber o quanto ele fora importante num determinado tempo, para a nossa sociedade. Mais do que uma antiga casa de vícios, que possamos contemplá-lo como um receptáculo de memória, umas

felizes, outras nem tanto, vê-lo como um monumento não à prostituição, esta vista como uma forma degradante de sobrevivência, mas como símbolo de costumes que já se foram em épocas já idas, um monumento a amores impossíveis de jovens de família “honrada” com as idílicas damas do meretrício, “rainhas do cabaré”, estas “mariposas da noite”, que um dia povoaram a imaginação de outra geração de recifenses. O lendário Edifício Chanteclair diz muito de um Recife do passado, com seus hábitos, seus costumes, seus risos e sofrimentos. Suas paredes falam, só necessita de que as deixemos falar. O Chanteclair é poético, é mítico. Dele podemos extrair relatos e memórias, paixões e conflitos, de homens e mulheres, prazeres e vícios. É o que se espera que o leitor possa absorver destas breves linhas. O monumento por si só é mudo. O que fala é suas memórias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de variadas fontes, buscou-se neste trabalho fazer reluzir novamente em nossos dias, o Edifício Chanteclair, explicitando o seu uso no passado como um local voltado às práticas noturnas do sexo pago, “*dos vícios*”. Um Chanteclair que por algumas décadas permaneceu em estado de ruína, tendo sua história silenciada, e mantendo-se distante das novas gerações. O edifício que procuramos expor através de relatos e documentos diversificados tem alma, história, e quase que ganha vida novamente ao longo destas poucas linhas, pelas quais adentramos não nos corredores hoje vazios, mais sim, nos ambientes iluminados da antiga casa de vícios. Nossa intenção fora levar o leitor para dentro de seus salões, sentar-se numa mesa, “paquerar” uma de suas moças, encantar-se ou mesmo chocar-se com as muitas histórias ali vivenciadas.

O Chanteclair que nos propusemos a trazer nestas breves linhas deu lugar ao cabaré *Chantecler*, versão aportuguesada para o termo francês cujo significado nos remete a um lugar sempre iluminado, festivo, movimentado. Num “footing” pelas ruas do Recife antigo nestes anos a que nos dispusemos trabalhar, o leitor se deparou com histórias diversas, algumas lembradas com saudosismo de quem para este o cabaré *Chantecler* representava infinitos momentos festivos, de salões repletos, da boa música, da boa bebida, da moça bonita, quase menina a rodopiar naqueles ambientes trajando belos vestidos “*a francesa*”, perfumados com fortes fragrâncias francesas, embelezada com jóias quase que a convidar os rapazolas a uma dança, e quem sabe a intimidade da alcova nos pavimentos acima. Já para outras, o Chanteclair nem sempre representava este paraíso de prazeres espontâneos, inebriantes e saudosos, digno a ser lembrado com saudade, pelo contrário, para estas figuras o prédio como vimos, é símbolo de algo um passado a ser ocultado, a ser esquecido. O Chanteclair para estas criaturas mais se remete a uma imensa gaiola dourada, embora que adornada, sempre uma gaiola, um local de sofrimento, de humilhações, de dores. Lugar onde nem sempre as noites eram assim tão divertidas.

De longe, ainda no bairro de Santo Antônio, sem que mesmo se tenha atravessado a ponte Maurício de Nassau, avista-se o imponente edifício de janelas hoje sem luzes, e de aparência sem vida, sem uso, sem a presença humana a lhe embelezar-lhe. O Chanteclair perdeu o brilho, apagou-se. De seu passado, restara apenas a lembrança lembrada, contada, lembrada, por todos os que ali fizeram um local de encontro, um local onde poetas faziam versos em guardanapos, a tomarem como musas as meninas do Chanteclair, as ditas *mariposas da noite, damas perfumadas*, embelezadas pela necessidade em se mostrar, em se

vender. Mulheres que ao cair da noite, iam ao encontro de seus amores (sim, elas também amaram) no balcão do Gambrinus, regarem-se com caras bebidas pagas muitas das vezes com o dinheiro de uma noite de sexo comprado. O Chanteclair que trouxemos nestas linhas, fora morada de muitas histórias.

Ao leitor que se dispôs a adentrá-lo a partir destes escritos, deve ter percebido que nem sempre as noites perfumadas deste recife eram de alegrias, e que todo o luxo e glamour ostentado pelo edifício eclético por vezes simbolizou sofrimentos inúmeros, quase que uma “rua da amargura” na qual eram lançadas mocinhas que por variados motivos deixavam-se enveredar pelos caminhos sofridos da prostituição, sendo então abocanhadas pelos “*tubarões da carne humana*”, cafetinas impiedosas, que usufruíam da juventude e beleza destas pobres meninas para o lucro próprio. O Chanteclair foi sim, um templo do prazer, mas também um calabouço a trancafiar sonhos, a aprisionar destinos. Por estas linhas, procuramos explicitar estes dois espaços, resumidos num único. O *lugar iluminado* para uns, também era cheio de sombras para outros. Lá destinos se entrecruzavam, vidas eram desperdiçadas, seja pelos vícios, pelas doenças ou pelo empurrão de uma rival meio a uma discussão acalorada.

## REFERÊNCIAS

### 1. FONTES AUDIOVISUAIS:

**CHANTECLER:** a dama da noite Direção: Mariângela Galvão. Brasil/Suíça: Casa Azul Brasil, 2000. 1 DVD (45min). Cor.

**L'APOLLONIDE:** Os amores da Casa de Tolerância Direção: Bertrand Bonello. Paris: Petrini Filmes, 2011. 1 DVD (122 min). Cor. Título original: L'Apollonide: Souvenirs de la Maison Close.

**PROFISSIONAL DA NOITE:** Kleber Castro Dibianchi. Brasil: Márcio Farias/Independente, 2009. 1 DVD (15min). Cor.

**QUERELLE** Direção: Rainer Werner Fassbinder. França/Alemanha Ocidental: CarlottaFilms, 1982. 1 DVD (1h 48min). Cor.

### 2. JORNAIS

CONJUNTO, formado por 7 imóveis, foi construído no início do século. **Jornal do Commercio**, Recife, 31 de maio de 1998.

MARINHEIRO Japonês foi prêso por embriaguês, agressão e desordens. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 140, n. 256, Primeiro Caderno 7, 15 de novembro de 1962.

MARÍTIMOS BRIGAM POR UMA MARIA: Um ferido gravemente. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 136, n. 81, p 8, 9 de abril de 1961.

NAS MALHAS da polícia uma quadrilha de traficantes de maconha. **Diário da Manhã**, Recife, ano XXIV, n. 203, p 5, 20 de dezembro de 1950.

NO AUGUE DA CÓLERA, jogou a companheira do primeiro andar ao chão. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 121, n. 180, p 5, 2 de agosto de 1946.

RUA da amargura: A mais habitada do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 134, n. 139, p 2, 19 de julho de 1959.

VIGILANCIA iniciou Ontem “Rush” contra maconheiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 140, n. 75, p Primeiro Caderno 1, 2 de abril de 1965.

### 3. BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D'Assunção. **CINEMA-HISTÓRIA: Múltiplos aspectos de uma relação.** Revista Dispositiva, Minas Gerais, v. 3, n. 1, p. 20, 2014.

BRUER, Carl. **Com o Dirigível “Graf Zeppelin” para Pernambuco: De 17 a 28 de outubro de 1931.** 1ª Ed. Recife: CEPE, 2017. 44p.

CANTARELLI, Rodrigo. **Contra a Conspiração da Ignorância com a Maldade: Inspeção de Monumentos de Pernambuco.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2016.

CAVACANTI, Carlos André; DA CUNHA, Francisco Carneiro. **PERNAMBUCO AFORTUNADO: Da Nova Luzitânia à Nova Economia.** 1. ed. Recife: INTG, 2006.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros.** 8. ed. Recife: Poço Cultural, 2016.

CARRARA, S. **Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 339 p.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **A sedução da noite nos cafés do Recife dos anos 1920: entre prazeres e transgressões.** In: XXIV Simpósio Nacional de História, 24., 2007, São Leopoldo, 10p.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. 330p.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Brasiliense, 2004.

FARIA, Nalu; COELHO, Sonia; MORENO, Tica. **Prostituição: Uma abordagem feminista.** Sempre Viva Organização Feminista. São Paulo: 2013.

FREITAS, Marcel de Almeida. **ENTRE ESTEREÓTIPOS, TRANSGRESSÕES E LUGARES COMUNS: Notas sobre a pornochanchada no cinema brasileiro.** Intexto [online] Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 10, p. 26, janeiro/junho 2004.

FURTADO, Rogério. Aula **patrimônio Alfândega e Madre de Deus.** Brasília: IPHAN/Monumenta, 2007. 74 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Nota sobre a identidade deteriorada.** Rio de Janeiro – RJ: LTC editora, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. 554p.

LIMA, Tatiane Michele Melo. **A prostituição feminina no Brasil: Da questão de polícia à conquista de direitos.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p.37, 2011.

MENEZES, Marcos Antônio. Cabarés: História e Memória. In. : **XXVII Simpósio Nacional de História**, 27., 2013, Natal, 13 p.

MOTENEGRO, Antônio Torres; (orgs) et al. **Bairro do Recife**: Porto de muitas histórias. Recife Gráfica, 1989. (Série Memória em movimento)

MOTTA, Sidney. **Papo cabeça com profissionais do sexo**. Edição: Beijo da Rua, 2002.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Crimes contra a dignidade sexual**. Grupo Editorial Nacional. São Paulo. 2014b.

PARAÍSO, Rostand. **A Esquina do Lafayette e outros tempos do Recife**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2001.

PARAÍSO, Rostand. **O Recife e a II Guerra Mundial**. 2ª Ed. Recife: Bagaço, 2003. 320p.

PENA FILHO, Carlos. **Livro Geral**. Recife: Editora da UFPE, 1969.

PEREIRA, Aldo. **Vida Intima: Enciclopédia da Vida Sexual**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

PEREIRA, Geraldo. **Fragmento do meu tempo**. Recife, 2008.

PINTO, Luiz Carlos. **Bairro do Recife 100 anos depois: História de vencidos e de esquecimento**. Recife, 2015. Disponível em [http://marcozero.org/bairro-do\\_recife-100-anos-depois/](http://marcozero.org/bairro-do_recife-100-anos-depois/)

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite**: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SIQUEIRA, Armando Augusto. O U.S.O. Club chega ao Recife: aspectos da presença norte-americana no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. **Navigator**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 16, no 32, p. 102-118 – 2020.

SOUZA NETO, E. N. Ruínas da Prostituição no Recife: A História do Chanteclair. **Revista Eletrônica Sociedade Administração e Contemporaneidade**, Serra Talhada, Vol. 5, 2016.

VAINSENER, Semira Adler. **Recife, bairro**. Pesquisa Escolar OnLine, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.

VIEIRA, Edilson. Chanteclair de volta à cena. **Construir NE**, Recife, Editora NE Brasil, Vol. 57, 2011.

VILELA, Carneiro. A Emparedada da Rua Nova. 5 ed. Recife: Editora CEPE, 2013.